



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
BACHARELADO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADA ÀS NEGOCIAÇÕES
INTERNACIONAIS

RODRIGO DA SILVA MARACAJÁ

**A MULTIDISCIPLINARIDADE DO FILME “A CHEGADA”:
UMA ANÁLISE DA OBRA PELA ÓTICA DA RELATIVIDADE
LINGUÍSTICA E DA TRADUÇÃO**

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M298m Maracaja, Rodrigo da Silva.

A Multidisciplinaridade do Filme "A Chegada" : uma análise da Obra pela ótica da Relatividade Linguística e da Tradução / Rodrigo da Silva Maracaja. - João Pessoa, 2020.

55 f. : il.

Orientação: Silvia Renata Ribeiro.
TCC (Especialização) - UFPB/CCHLA.

1. Relatividade Linguística. 2. Hipótese Sapir-Whorf.
3. Tradução Intersemiótica. 4. A Chegada. I. Ribeiro,
Silvia Renata. II. Título.

UFPB/CCHLA

RODRIGO DA SILVA MARACAJÁ

**A MULTIDISCIPLINARIDADE DO FILME “A CHEGADA”:
UMA ANÁLISE DA OBRA PELA ÓTICA DA RELATIVIDADE
LINGUÍSTICA E DA TRADUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

Orientadora: Prof^a. M^a. Silvia Renata Ribeiro

JOÃO PESSOA

2020

Universidade Federal da Paraíba
Pró-Reitoria de Graduação
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Mediações Interculturais
Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova
o Trabalho de Conclusão de Curso

**A Multidisciplinaridade do Filme “A Chegada”:
uma análise da Obra pela ótica da Relatividade Linguística e da
Tradução**

Elaborado por

Rodrigo da Silva Maracajá

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Ma. Sílvia Renata Ribeiro – Orientadora – UFPB

Profa. Dra. Kátia Ferreira Fraga – Banca Examinadora – UFPB

Profa. Dra. Alyanne de Freitas Chacon – Banca Examinadora – UFPB

João Pessoa, 31 de julho de 2020.

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, Plácido e Adelizira, pelo carinho, amor e cuidado perpétuo que se iniciou em meu nascimento e se estende até hoje. Os amo demais, toda conquista minha sempre será de vocês também.

A minha mãe, dona Neide, minha maior fonte de inspiração e a mulher mais forte que eu conheço. Sem a senhora nada disso seria possível, tudo que faço ou penso em fazer tenho o seu total apoio e suporte, por isso já começo cada batalha como vencedor.

A meu pai, seu Romero, quem sempre me incentivou a estudar e buscar um caminho que sempre foi tão inacessível a ele. Queria que estivesse aqui comigo, sorrindo, chorando e aproveitando essa conquista. Foi você quem encontrou esse curso e falou que eu deveria tentar pois “era a minha cara”, muito obrigado por tudo meu pai, tenho o senhor sempre no meu coração.

A Renato e Rebeca, meus amores e a minha motivação para tornar o mundo um lugar melhor. Espero ter sido uma fortaleza para vocês da mesma forma que foram para mim em nosso momento mais difícil. Agradeço diariamente por tê-los em minha vida e lhes amo mais que tudo nesse mundo.

Agradeço a todos os docentes com quem tive alguma experiência acadêmica durante meu percurso no LEA-NI, obrigado pela transmissão de conhecimentos e pelo engrandecimento pessoal. Agradeço em especial a minha orientadora, professora e amiga Silvia Ribeiro, muito obrigado por toda a tutoria acadêmica e pelos conselhos. Agradeço também a professora Katia Fraga pela gentileza de entender minhas dificuldades e sempre me apoiar a tentar alcançar o melhor.

Agradeço aos meus amigos, por todos os momentos de companheirismo e pelo carinho que sempre tiveram comigo. Obrigado por todas as conversas, sorrisos e lágrimas que compartilhamos durante esse período. Todos sempre terão um espaço reservado no meu coração e minha gratidão eterna. Reservo um agradecimento especial à Aude, Bella, Clara, Emma, Julia, Léa, Maëlyse pelos motivos supracitados e por muitas outras coisas, que são imperceptíveis ao olho mas compreendidas pelo coração.

Agradeço aos “sócios”, grandes amigos que viraram irmãos depois de tudo que vivemos juntos. Eduardo, Gabriel, Jonatas, Julio, Kennedy, Thiago, Wilian muito obrigado pelas resenhas, pelas aventuras, pelas emoções compartilhadas e por sempre estarem lá quando eu precisei.

Agradeço ao meu amigo e parceiro para todos os momentos, João Gabriel. Quando precisei você esteve lá por mim como um irmão mais velho estaria, me acolheu e cuidou de mim como se nos conhecessemos à anos quando mal faziam seis meses que éramos amigos. Nunca vou esquecer todo o apoio e carinho que você teve comigo, lhe amo demais e muito obrigado por tudo meu irmão.

À minha baiana linda, minha tangerina, minha companheira pra vida, Catharina. Obrigado pelo alto-astrol, pelas conversas, pelas risadas e por me complementar como ninguém. És um espelho aonde enxergo tudo que desejo e preciso. Quando sorris pra mim percebo o quão sortudo sou. Grato por todo o apoio, compreensão e carinho sempre presentes. Agradeço por continuamente enxergar o meu melhor lado, pela paciência que tens comigo e pela segurança que me transmites. É um deleite viver ao teu lado, te amo demais.

“Language is the foundation of civilization. It is
a glue that holds people together, and it is the
first weapon drawn in a conflict.”

Arrival

FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição	UFPB – Universidade Federal da Paraíba Endereço: Cidade Universitária, João Pessoa, Paraíba, Brasil. CEP: 58051-900. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Campus I, Conjunto Humanístico, Bloco IV, Cidade Universitária, João Pessoa, Paraíba, Brasil. CEP: 58059-900.
Dirigentes	Reitoria Reitora: Prof ^a . Dr ^a . Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz. Vice-Reitora: Prof ^a . Dr ^a . Bernardina Maria Juvenal Freire De Oliveira. Pró-Reitora de Graduação: Prof ^a . Dr ^a . Ariane Norma Menezes de Sá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Diretora: Prof ^a . Dr ^a . Mônica Nóbrega. Vice-Diretor: Prof. Dr. Rodrigo Freire de Carvalho e Silva. Departamento de Mediações Interculturais Chefe: Prof ^a . Dr ^a . Tania Liparini Campos. Vice-Chefe: Prof ^a . M ^a . Christiane Maria de Sena Diniz. Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais Coordenadora: Prof ^a . M ^a . Sílvia Renata Ribeiro. Vice-Cordenadora: Prof ^a . Dr ^a . Kátia Ferreira Fraga.
Trabalho de Conclusão de Curso	Título: A Multidisciplinaridade do Filme “A Chegada”: uma análise da Obra pela ótica da Relatividade Linguística e da Tradução Vínculo: Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso. Professora Responsável: Prof ^a . M ^a . Sílvia Renata Ribeiro.
Execução	Orientadora: Prof ^a . M ^a . Sílvia Renata Ribeiro Aluno: Rodrigo da Silva Maracajá

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Classes e subclasses da hipótese sobre como a língua pode afetar o pensamento.....	19
Figura 2: A visão de mundo do povo Hopi.....	23
Figura 3: Logogramas Heptapódes e suas traduções em inglês.....	38

LISTA DE SIGLAS

LEA-NI – Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais

LF – Língua Fonte

LM – Língua Meta

RESUMO

A Linguística desenvolveu-se como a ciência responsável por estudar e esclarecer os processos que circundam a linguagem verbal, seja ela oral ou escrita. Em seu percurso histórico, esse ramo do conhecimento abriu-se a diversas possibilidades teóricas, entre elas a Relatividade Linguística, particularmente relevante para o presente trabalho. No presente estudo, procuramos realizar uma análise do filme *A Chegada* (2016), a partir de fundamentos teóricos relacionados à Relatividade Linguística, ao vínculo entre Língua, Cultura e Cognição, aos diferentes processos de Tradução, às dificuldades dentro desses processos, e à Tradução Intersemiótica, entre outros temas. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e bibliográfico, realizada através de uma pesquisa literária de diversos autores, tais como Gipper (1979), Wolff & Holmes (2011), Jakobson (1989), Fujihara (2009) e Jeha (2004). Primeiramente, analisamos a conexão entre Língua, Cultura e Cognição e como esses elementos se vinculam a aspectos como visão de mundo, sensação de pertencimento, entre outras questões do nosso cotidiano em sociedade. Ademais, analisamos os efeitos que recaem sobre o processo de transmissão de informações entre diferentes idiomas, ou seja, como a Tradução pode interferir na compreensão entre culturas distintas. Estudamos também as subdivisões que existem dentro do âmbito da Tradução, como a Tradução Intralingual e a Tradução Intersemiótica. Na análise do filme, demonstramos que a utilização da teoria “forte” da hipótese Sapir-Whorf, que, apesar de já ter sido descartada por grande parte dos cientistas, se relaciona perfeitamente com os objetivos esboçados pelo roteiro do filme. Além disso, verificamos o processo de transmissão de sentido, conhecido como tradução intersemiótica, do conto para o filme. Por fim, encerramos o estudo apresentando uma terceira via de análise do filme a partir do viés da mediação de conflitos, e constatamos a pluralidade de conteúdos que a obra permite abordar.

Palavras-chave: Relatividade Linguística. Hipótese Sapir-Whorf. Tradução Intersemiótica. *A Chegada*.

ABSTRACT

Linguistics has grown to be developed as the science concerned with responsible for studying and clarifying the processes that surround surrounding verbal language, whether oral or written form. In its historical process, this branch of knowledge has opened itself up to various theoretical possibilities, including such as Linguistic Relativity, which is particularly relevant to the following work. The following work seeks to carry out an analysis of the film *Arrival* (2016), based on theoretical foundations that relates to Linguistic Relativity, the link between Language, Culture and Cognition, the multiple processes of Translations, the problems of those processes; and Intersemiotic Translation. Among other topics. The methodology was of qualitative and bibliographic nature, based on a literary research of several authors, such as: Gipper (1979), Wolff & Holmes (2011), Jakobson (1989), Fujihara (2009) and Jeha (2004). The first analyses is the connection between Language, Culture and Cognition and how these elements link to aspects such as world view, sense of belonging, among other issues of our daily life in society. In addition, it analyzes the effects following the process of information transmission between languages, that is, how Translation can interfere with understanding between different cultures. It looks into translation branches, such as Intralingual Translation and Intersemiotic Translation. The film analysis demonstrates that the use of the "strong" theory of the Sapir-Whorf hypothesis, which has already been ruled out by many scientists, is perfectly relatable to what it is desired and brought by the film script. In addition, we checked the process of transmission of meaning, known as intersemiotic translation, from a short story to a film. Finally, the conclusion of the study is a presentation of a third way of analyzing the film from the perspective of conflict mediation, and it is verified the plurality of contents that the work allows us to approach.

Keywords: Linguistic Relativity. Hypothesis Sapir-Whorf. Intersemiotic Translation. *Arrival*.

RÉSUMÉ

La linguistique s'est développée comme la science chargée d'étudier et de clarifier les processus entourant le langage verbal, qu'il soit oral ou écrit. Dans son parcours historique, cette branche du savoir s'est ouverte à diverses possibilités théoriques, dont la Relativité Linguistique, qui est particulièrement pertinente pour le présent travail. Dans la présente étude, nous cherchons à analyser le film *Premier Contact* (2016), en nous basant sur les fondements théoriques liés à la Relativité Linguistique, au lien entre la Langue, la Culture et la Cognition, aux différents processus de Traduction, aux difficultés de ces processus et à la Traduction Intersémiotique, entre autres sujets. La méthodologie utilisée est de nature qualitative et bibliographique, réalisée à travers une recherche littéraire de plusieurs auteurs, tels que Gipper (1979), Wolff & Holmes (2011), Jakobson (1989), Fujihara (2009) et Jeha (2004). Tout d'abord, nous analysons le lien entre Langue, Culture et Cognition et comment ces éléments sont liés à des aspects tels que la vision du monde, le sentiment d'appartenance, entre autres questions de notre vie quotidienne en société. En outre, nous analysons les effets qui retombent sur le processus de transmission de l'information entre différentes langues, c'est-à-dire comment la traduction peut interférer avec la compréhension entre différentes cultures. Nous étudions également les subdivisions qui existent dans le domaine de la Traduction, telles que la Traduction Intralinguale et la Traduction Intersémiotique. Dans l'analyse du film, nous démontrons que l'utilisation de la théorie "forte" de l'hypothèse Sapir-Whorf, qui a déjà été écartée par de nombreux scientifiques, est parfaitement en rapport avec les objectifs décrits par le scénario du film. De plus, nous avons vérifié le processus de transmission du sens, connu sous le nom de traduction intersémiotique, du conte au film. Enfin, nous concluons l'étude en présentant une troisième façon d'analyser le film à partir du biais de la médiation des conflits, et nous vérifions la pluralité des contenus que l'œuvre nous permet d'aborder.

Mots-Clés: Relativité Linguistique. Hypothèse Sapir-Whorf. Traduction Intersémiotique. Premier Contact.

RESUMEN

La lingüística se ha desarrollado como la ciencia responsable de estudiar y aclarar los procesos que rodean el lenguaje verbal, ya sea oral o escrito. En su trayectoria histórica, esta rama del conocimiento se ha abierto a diversas posibilidades teóricas, entre ellas la Relatividad Lingüística, que es particularmente relevante para el presente trabajo. En el presente estudio buscamos realizar un análisis de la película *La llegada* (2016), basado en fundamentos teóricos relacionados con la Relatividad Lingüística, el vínculo entre Lengua, Cultura y Cognición, los diferentes procesos de Traducción, las dificultades dentro de estos procesos, y la Traducción Intersemiótica, entre otros temas. La metodología empleada fue de carácter cualitativo y bibliográfica y se llevó a cabo mediante una investigación literaria de varios autores, como Gipper (1979), Wolff & Holmes (2011), Jakobson (1989), Fujihara (2009) y Jeha (2004). En primer lugar, analizamos la conexión entre Lengua, Cultura y Cognición y cómo estos elementos se vinculan a aspectos como la visión del mundo, el sentido de pertenencia, entre otros temas de nuestra vida cotidiana en la sociedad. Además, analizamos los efectos que caen sobre el proceso de transmisión de información entre diferentes idiomas, es decir, cómo la traducción puede interferir con el entendimiento entre diferentes culturas. También estudiamos las subdivisiones que existen dentro del ámbito de la Traducción, como la Traducción Intralingüe y la Traducción Intersemiótica. En el análisis de la película, demostramos que el uso de la teoría "fuerte" de la hipótesis de Sapir-Whorf, que ya ha sido descartada por muchos científicos, está perfectamente relacionada con los objetivos esbozados por el guión de la película. Además, comprobamos el proceso de transmisión de significado, conocido como traducción intersemiótica, de la historia a la película. Finalmente, concluimos el estudio presentando una tercera forma de analizar la película desde el sesgo de la mediación de conflictos, y comprobamos la pluralidad de contenidos que la obra nos permite abordar.

Palabras clave: Relatividad Lingüística. Hipótesis Sapir-Whorf. Traducción Intersemiótica. La llegada.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 RELATIVIDADE LINGUÍSTICA: TEORIA SAPIR-WHORF E A CONEXÃO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E COGNIÇÃO	17
2.1 O SURGIMENTO DA LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA	17
2.2 O PRINCÍPIO DA RELATIVIDADE LINGUÍSTICA E A HIPÓTESE SAPIR-WHORF	18
2.3 A TRIPARTIÇÃO LÍNGUA, CULTURA E COGNIÇÃO	21
<i>2.3.1 Bidirecionalidade da relação Língua, Cultura e Cognição</i>	<i>25</i>
3 TIPOS DE TRADUÇÃO, ASPECTOS DO PROCESSO TRADUTÓRIO E SISTEMAS SEMIÓTICOS	29
3.1 TRADUÇÃO INTRALINGUAL.....	30
3.2 TRADUÇÃO INTERLINGUAL	30
3.3 ASPECTOS DO PROCESSO TRADUTÓRIO	31
<i>3.3.1 Equivalência de Tradução</i>	<i>31</i>
<i>3.3.2 Tradução Literal x Tradução Livre</i>	<i>33</i>
<i>3.3.3 O aspecto cultural na tradução</i>	<i>34</i>
3.5 TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA	37
4 AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DO FILME “A CHEGADA”	40
4.1 O DETERMINISMO LINGUÍSTICO COMO FERRAMENTA DO ENREDO	41
4.2 DO CONTO PARA O FILME: TRANSMISSÃO DE SENTIDO ENTRE SISTEMAS SEMIÓTICOS	43
<i>4.2.1 A transposição de sentidos em A Chegada</i>	<i>44</i>
4.3 A COMUNICAÇÃO E A COOPERAÇÃO COMO O MEIO PARA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
Referências.....	52

1 INTRODUÇÃO

O cinema desenvolveu-se como um espelho da sociedade, especialmente porque reproduz como nenhum outro meio os principais problemas do mundo moderno e o esgotamento causado por eles (MARTINS et al, 2019). Ao assistir uma obra cinematográfica é possível explorar muito mais do que apenas a obra em si, e, em certos casos, estudar as mais diversas teorias e correntes do campo científico, psicológico e político. Existindo a possibilidade em certos casos de estudar mais de um desses temas dentro de um mesmo filme, tal como ocorre em *A Chegada* (2016), objeto de estudo deste trabalho.

A Chegada (2016) é um filme americano dirigido pelo franco-canadense Denis Villeneuve. Nele, acompanhamos a misteriosa chegada de naves alienígenas em diferentes localidades da Terra, e somos levados pela resolução desse enigma a partir do ponto de vista da linguista americana Louise Banks. Segundo Orlandi (1986), a Linguística desenvolve-se como a ciência responsável por descrever e explicar a linguagem verbal humana, e tem como objetos de estudo a linguagem verbal, oral e escrita. Louise possui um papel fundamental no entendimento dessa situação, pois ela é a responsável por criar um canal de comunicação entre os humanos e essa raça alienígena que no decorrer do filme vem a ser conhecida como “heptapóde”.

O longa-metragem é uma adaptação de um conto de ficção científica intitulado “*A história da sua vida*” (1998), escrito pelo americano Ted Chiang. Esse processo tão comum na indústria fílmica é cientificamente conhecido como Tradução Intersemiótica. A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais (JAKOBSON, 1989). Assim como a Tradução “original”, o objetivo é transmitir conceitos de um sistema para o outro, ou seja, adaptá-lo a um novo meio de transmissão. Por exemplo, o autor do conto (Chiang) inspirou-se nos princípios variacionais da física para escrever esse conto, pois queria uma história na qual se lida com o inevitável, enquanto que Eric Heisserer, o roteirista responsável pela adaptação, inspirou-se na Hipótese Sapir-Whorf para transmitir esse mesmo conceito inicial do livro.

Essa hipótese é a variável mais conhecida de uma corrente linguística conhecida como Relatividade Linguística. A Relatividade Linguística trabalha com a hipótese de que não existem propriedades universais na língua (RODRÍGUEZ, 1998), enquanto que a hipótese Sapir-Whorf aprofunda ainda mais esse pensamento, postulando que a língua possui um papel essencial na visão de mundo do falante. Durante o processo de entender e traduzir a linguagem heptapóde para o inglês, Louise começa a sofrer efeitos causados pelo aprendizado dessa língua. Embora a teoria utilizada no filme derive de uma versão já descreditada da Hipótese Sapir-Whorf, como ficará demonstrado no decorrer deste trabalho, isso acontece para que os objetivos fílmicos sejam alcançados.

O objetivo geral deste trabalho é relacionar os conteúdos teóricos como a Relatividade Linguística e a Tradução ao filme *A Chegada*. Já os objetivos específicos são I) contextualizar a conexão entre língua, cultura e cognição, II) Demonstrar os diferentes tipos de tradução, e, por fim, III) aliar a fundamentação teórica com o filme *A Chegada*. Para isso utilizou-se duas metodologias, inicialmente a exploratória, e, posteriormente, bibliográfica. A metodologia exploratória é o ponto de partida em quase toda pesquisa, pois ela se define como a metodologia que busca caracterizar, classificar e definir o problema (RODRIGUES, 2007). Uma vez que tais etapas tenham sido definidas, passou-se a utilizar a pesquisa bibliográfica, que se define como a recuperação do conhecimento científico acumulado sobre um problema (RODRIGUES, 2007). Nessa fase, buscou-se os principais teóricos e as principais correntes de pensamentos que surgiram em torno dos temas desse trabalho. É a construção do escopo teórico da pesquisa, que sem autores como Jakobson (1989) ou Gipper (1979), seria impossível tratar os assuntos como Tradução e Relatividade Linguística, respectivamente.

Esse trabalho se justifica pois diariamente as situações de conflito e as tensões crescem em todo o planeta, especialmente nas relações entre diferentes nações. E parte desse problema surge por uma carência nos processos comunicativos, tendo em vista que mesmo em um mundo globalizado, as individualidades de cada povo ainda se preservam. Por muitas vezes essas diferenças culturais acontecem dentro do mesmo país, como no

caso do Brasil, por exemplo, que possui uma variação cultural muito acentuada entre as suas regiões. Busca-se aqui refletir sobre os processos linguísticos que vivenciamos diariamente, e também abordar a tradução como forma de comunicação e a mediação de conflitos, um método autocompositivo cada vez mais utilizado nos dias atuais. Objetiva-se contribuir de alguma forma a respeito desses temas mas não se limitando apenas a isso, pois como discorre Rajagopalan (2003):

Acreditar numa linguística crítica é acreditar que podemos fazer diferença. Acreditar que o conhecimento sobre a linguagem pode e deve ser posto a serviço do bem-estar geral, da melhoria das nossas condições do dia-a-dia. (RAJAGOPALAN, 2003 p. 12).

Quanto à importância desses assuntos para o LEA-NI, acredito que esse trabalho sirva para evidenciar a pluralidade de temas que o curso permite explorar e se aperfeiçoar. A identidade dos alunos do curso é fluída em muitos aspectos, todavia eles sempre estarão acompanhados de alguma língua estrangeira ou de alguma cultura diferente da nossa. Logo, um estudo sobre esse assunto, mesmo que em um caso específico, oferece uma nova perspectiva e engradece as possibilidades a serem escolhidas por cada um na hora de decidir qual carreira ou caminho acadêmico pretendem seguir.

O estudo foi organizado em 4 capítulos, de modo a abordar os campos teóricos selecionados para a análise do filme. Inicialmente, apresentamos o elo entre Língua, Cultura e Cognição, passando pela pormenorização da hipótese Sapir-Whorf. Em seguida, propomos uma elucidação a respeito dos diferentes tipos de tradução, bem como as suas dificuldades causadas pelo envolvimento direto com a cultura. O capítulo trata ainda a respeito da tradução intersemiótica, que servirá de ponte para a análise do filme no capítulo final, aliando-o aos temas previamente trabalhados.

2 RELATIVIDADE LINGUÍSTICA: TEORIA SAPIR-WHORF E A CONEXÃO ENTRE LÍNGUA, CULTURA E COGNIÇÃO

2.1 O SURGIMENTO DA LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA

Com a tese formulada por Albert Einstein sobre a teoria da relatividade física (1905), a raça humana passou a observar o tempo e o espaço de uma maneira díspar das visões anteriores. O mesmo ocorreu com a língua, graças às teses que começaram a surgir durante o século XIX a respeito da relatividade linguística, quando outros aspectos começaram a ser levados em consideração e passou-se a analisá-la a partir do contexto histórico e ambiental de seus falantes (TILIO, 2007). E esses são os primeiros indícios de uma introdução do método científico no estudo da Linguística, pois seus estudos primários sobre a língua tinham como arcabouço teórico a filosofia Escolástica, uma doutrina que relaciona fé e razão.

Esses primeiros indícios baseam-se nos trabalhos do inglês Charles Darwin em seu livro *A Origem das Espécies* (1859), e essa observação com um maior teor científico tem início nas primeiras décadas do século XIX; acompanhando a teoria dominante dessa mesma época, acreditou-se que as línguas seguiam uma ordem biológica evolutiva (RODRÍGUEZ, 1998). Desta forma, estudava-se a evolução histórica da língua, e a partir disso realizavam-se comparações com outras línguas conhecidas. É apenas com o passar das décadas que a Linguística começa a produzir teorias oriundas da própria disciplina, que surgem para buscar uma argumentação mais correta a respeito dos assuntos investigados. Dentre elas, destacamos aqui duas correntes de pensamento, o Relativismo Linguístico (1) e o Universalismo Linguístico (2):

No decorrer dos estudos lingüísticos confrontam-se duas correntes:
1. *A que considera as línguas individualmente, sem que tenham que coincidir em todos ou mesmo em alguns dos atributos;*
2. *A que considera que o ser humano já vem equipado para adquirir a linguagem, não importa qual seja. Segundo esta teoria, o homem possui algum dom inato que lhe permite reconhecer rapidamente certos elementos lingüísticos, presentes em qualquer língua: os universais lingüísticos. (RODRÍGUEZ, 1998 p. 2).*

O Universalismo Linguístico é a teoria mais antiga que a linguística possui, sendo estudada desde a Antiguidade (TILIO, 2007), todavia o método científico nessa busca é bem recente, como dito anteriormente. Os

universalistas postulam que a aprendizagem de qualquer língua humana possui atributos em comum, dentre esses atributos em comum, quatro características são inatas a todas as línguas. Sendo elas, a arbitrariedade, a dualidade, a descontinuidade e a produtividade (RODRÍGUEZ, 1998). O universalismo é uma corrente que alcançou uma maior notoriedade graças aos trabalhos de Noah Chomsky e sua teoria gerativista. O Gerativismo é uma corrente de pensamento derivada do funcionalismo¹, e considera a língua fruto da capacidade inata que o cérebro ou a mente possui. A língua, natural ao ser humano, é um processo interno que “geraria” as expressões da linguagem (MURAD, 2011).

O contexto do surgimento do Gerativismo linguístico remonta os anos 50, na época da conhecida “revolução cognitiva” que teve grande influência em sua constituição e seu reconhecimento científico, pois ofereceu uma importante mudança de perspectiva: passou-se a estudar os mecanismos internos relacionados ao pensamento e à ação, e não mais os comportamentos e seus produtos, ou seja, a língua começa a ser entendida como uma propriedade interna em vez de um produto social, externo. (MURAD, 2011 p. 349).

Porém a discussão sobre a origem e a natureza da língua humana nunca foi tida como totalmente encerrada. Com isso, diferentes correntes filosóficas, datadas a uma época similar à da teoria de Noam Chomsky, continuaram sendo discutidas. O Relativismo Linguístico é uma delas, essa corrente vai na direção oposta ao universalismo linguístico, e nos últimos anos voltou a ganhar força.

2.2 O PRINCÍPIO DA RELATIVIDADE LINGUÍSTICA E A HIPÓTESE SAPIR-WHORF

De uma maneira mais ampla, podemos dizer que a Relatividade Linguística não acredita em propriedades universais na linguagem humana, e que essa diferença nas línguas gera uma alteração na forma como falantes não apenas veem o mundo mas também como eles reagem ao próprio. Ou como discorre Gonçalves (2006), “[...] o que as línguas apresentam de diferente acaba por obrigar o falante de uma língua específica a dizer algumas coisas e

¹ O funcionalismo é uma corrente teórica derivada de uma base estrutural da linguagem inaugurada pelos estudos linguísticos propostos por Saussure a partir do século XX. Ao romper com a tradição teórico-metodológica histórica, os estudiosos ditos modernos se propuseram a partir da noção saussuriana de língua enquanto sistema, a analisar e descrever o funcionamento desse sistema. (MURAD, 2011 p. 346).

o falante de outra língua a dizer outras coisas [...]”. Um exemplo trazido pelo próprio Gonçalves (Ibid) manifesta esse conceito na prática: a frase em inglês “the man is sick”, pode ser interpretada tanto como “o homem está doente”, quanto “o homem é doente”, já que não existe diferenciação entre o verbo “ser” e “estar” em inglês (ambos são representados pelo verbo “be”). Essa é uma escolha que só precisa ser feita em português ou espanhol, por exemplo.

Dentre os teóricos defensores da relatividade linguística, dois possuem maior destaque, são eles o polônes Edward Sapir e o seu discípulo o americano Benjamin Lee-Whorf. Edward Sapir tem origem polonesa, porém passou quase toda sua vida nos EUA (Estados Unidos da América). Sua família migrou para lá quando ele ainda era criança. Em 1901, iniciou sua graduação em Filologia Germânica na universidade de Columbia. Após isso, tornou-se pupilo de Franz Boas que o levou para o lado da Antropologia, tendo concluído seu PHD nessa área em 1909, com ênfase em Línguas Nativas Americanas. Já Whorf teve uma carreira inicial bem distante das línguas. Ele se formou em Engenharia Química pelo MIT, em 1918, e trabalhou por algum tempo como inspetor para uma seguradora de prevenção de incêndios, tendo se destacado bastante por seu conhecimento vasto acerca do assunto. Até 1930, Whorf obteve conhecimento de forma autodidata, o que não o impediu de se tornar famoso entre os linguistas americanos. Nesse mesmo ano, ele entrou na universidade de Yale em busca de um PHD em linguística. Essa disciplina era ministrada por Sapir, que à essa época já havia publicado diversos escritos acerca desse tema e que tiveram grande influência na forma de pensar de Whorf.

Atribui-se a eles a teoria com maior destaque, e que, basicamente, trouxe toda a visibilidade a esta corrente de pensamento. O “princípio da relatividade linguística”, escrita por Benjamin Lee-Whorf, é a raiz para o nascimento da hipótese Sapir-Whorf. A partir da interpretação do princípio realizada por outros estudiosos surgem duas leituras diferentes dessa mesma hipótese. Isso ocorre pois a hipótese não foi criada nem por Sapir, e muito menos por Whorf, mas por outros teóricos que analisaram o trabalho de ambos.

Uma dessas leituras, que pode ser chamada de “forte”, e que leva a alcunha de determinismo linguístico, postula que a constituição da língua determina a maneira como observamos e pensamos o mundo, tornando até a tradução algo impossível. Já na versão “fraca”, denominada relatividade linguística, a língua e a cultura possuem a capacidade de condicionar o pensamento. Essencialmente, a hipótese Sapir-Whorf é uma teoria linguística que relaciona língua, cultura e cognição, a língua teria o papel de conduzir a forma como a cultura é entendida por cada pessoa. O exemplo que estratifica a base para esse conceito é o estudo realizado por Whorf sobre o povo Hopi, uma tribo nativa dos Estados Unidos. Na linguagem Hopi, supostamente, não existiam estruturas que remetessem a uma ideia de temporalidade, logo o povo Hopi não seria capaz de compreender a passagem do tempo: do passado ao presente, e dele ao futuro.

Essa conceituação é considerada a versão “forte” da hipótese, que foi perdendo força com o passar dos anos, e até sendo totalmente descartada por certos autores. Gipper (1979), por exemplo, elabora uma lista de expressões Hopi que servem para tratar sobre o tempo, segundo seu estudo o que realmente ocorre é que a maneira como os Hopi percebem o tempo é totalmente diferente da maneira etnocêntrica. Para esse povo o tempo é cíclico, tudo está fadado a acontecer periodicamente, eles não necessitam de horas, minutos ou segundos, pois observam o mundo de uma forma intervalada. Os eventos ocorrem na sua época determinada, sejam estações, colheitas, cerimônias, etc.

O princípio da relatividade lingüística, portanto, segundo a teoria de Whorf, acompanha o seguinte raciocínio: (1) diferentes línguas utilizam diferentes categorias lingüísticas; e (2) categorias lingüísticas determinam aspectos do pensamento de seus falantes; conseqüentemente, (3) aspectos do pensamento de cada indivíduo variam de acordo com a língua que esse indivíduo fala. (GUMPERZ & LEVINSON, 1996b, p. 24 apud TILIO, 2007 p. 101).

Essa visão recai justamente sobre a versão “fraca” da teoria, já que a maneira como a língua molda a cultura Hopi os permite visualizar o tempo de uma maneira diferente. O fato que retoma os debates sobre esse assunto é que não se pode negar a existência de um elo entre língua, cultura e cognição, o que se discute é apenas como cada um atua sobre o outro (TILIO, 2007). A versão “fraca” é mais associada a Sapir, e é entendida como Relatividade

Linguística, e, por outro lado, a versão forte possui maior apoio nas postulações de Whorf e é tratada como Determinismo Linguístico (SAMPAIO, 2018). Contudo, vale salientar mais uma vez que nenhuma das versões foi diretamente criada por Sapir ou Whorf, de modo que nunca existiu uma versão canônica. A isso acrescenta-se o fato de que os autores sequer trabalharam em conjunto ou realizaram experimentos empíricos para provar suas teses, e, além disso, vários outros autores também contribuíram para essa corrente teórica (CUNHA, 2011).

A cunhagem do termo “hipótese Sapir-Whorf” parece ter sido realizada em 1954, por Harry Hoijer (1904-1976), ao apresentar o trabalho intitulado “Sapir-Whorf hypothesis”, na Conferência sobre as relações entre a linguagem e outros aspectos da cultura (Conference on the interrelations of language and other aspects of culture), realizada em Chicago (Cunha 2010; Koerner 1999). Entretanto, John B. Carroll (1916-2003) parece ter sido seu maior difusor, uma vez que vários textos (Sampson 1965; Joseph 1996; dentre outros) o apontam como o criador do rótulo. Carroll, a propósito, foi o editor da coletânea póstuma de textos de Whorf, publicada pela primeira vez em 1956, pela MIT Press. (CUNHA, 2011 p. 8).

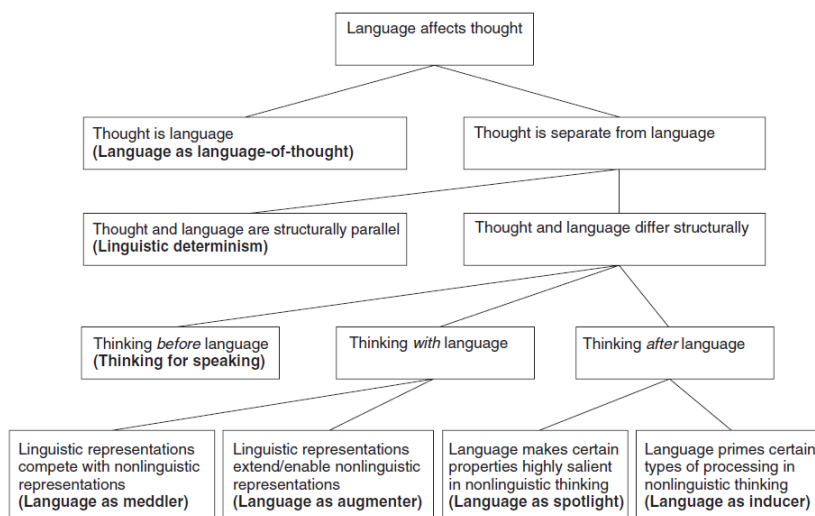
Porém, é justamente a versão “forte” que é usada como uma das bases para *A Chegada*, pois no filme trata-se a língua como um molde da realidade numa capacidade mais ampla do que na tripartição língua, cultura e cognição que fica melhor apresentada dentro da versão “fraca”. Dentro dos objetivos fílmicos, o encaixe é ideal, pois ajuda a transmitir plenamente o que se deseja, no terceiro capítulo essa conexão é analisada mais detalhadamente. Contudo, um adendo a se fazer é que a versão “forte” já foi descartada por diversos autores, haja vista que nela a tradução supostamente é impossível². Em uma análise mais profunda dos escritos originais de Sapir é possível perceber que ele acredita que a língua é um fragmento da realidade social, da mesma forma que o pensamento, e que o seu estudo deve ser feito em conjunto (CUNHA, 2011).

2.3 A TRIPARTIÇÃO LÍNGUA, CULTURA E COGNIÇÃO

Como já foi dito, não se pode negar a relação entre língua, cultura e cognição, mas ainda se discute a maneira mais correta de interpretar esse

² Não há no trecho citado qualquer alusão à impossibilidade da tradução dada à incomensurabilidade dos sistemas linguísticos, nem que os seres humanos interpretam literalmente a realidade objetiva diferentemente, a ponto de verem um mesmo referente de modo distinto, por não falarem a mesma língua, mas que, para expressar esta realidade, quando necessitam, o fazem por meio das categorias de sua língua. (CUNHA, 2011 p. 7).

vínculo. Ao todo existem sete possíveis hipóteses da relatividade linguística, como pode ser observado na figura abaixo, cada teoria possui uma sequência própria dos fatos, isto é, por quais caminhos o encontro entre linguagem e pensamento ocorre, com exceção de “Language as language-of-thought” e “Linguistic determinism”, todas as outras teorias possuem um escopo teórico que torna a diferença entre idiomas possível de afetar os pensamentos de pessoas de diferentes países com diferentes línguas (WOLFF & HOLMES, 2011).



Fonte: Wolff & Holmes, 2011 p. 254

Se baseado em questões teóricas da áreas e novas evidências empíricas Wolff & Holmes (2011) postulam que cinco das sete teorias apresentadas no quadro da figura 1 adquirem um maior embasamento. Como dito anteriormente, há o descarte das teorias *language as language-of-thought* (“língua como linguagem do pensamento”) como e *linguistic determinism* (“determinismo linguístico”). Pois além de não se provarem empiricamente também possuem um fundamento teórico que por vezes se contradiz ou que não se prova em muito momentos (WOLFF & HOLMES, 2011). Já as teorias que ganham maior destaque segundo os autores são as seguintes³: o

³ ... five other versions of the Whorfian hypothesis have garnered empirical support: those in which thinking occurs before language use (thinking for speaking), those in which linguistic and nonlinguistic codes compete with each other (language as meddler) or in which linguistic codes extend nonlinguistic thinking (language as augments), and those in which thinking is directed toward properties highlighted by language (language as spotlight) or in which language engages a schematic mode of processing (language as inducer). (WOLFF & HOLMES, 2011 P. 261).

pensamento antes do uso da língua (pensar para falar), o tipo no qual códigos linguísticos e não-linguísticos competem entre si (língua como intermediário) ou o tipo no qual códigos linguísticos ampliam os pensamentos não-linguísticos (língua como aumentador), e o tipo no qual o pensamento é direcionado à propriedades realçadas pela língua (língua como foco) ou o tipo no qual a língua inicia um modo esquemático de processamento (língua como indutor) (WOLFF & HOLMES, 2011).

Logo, entende-se porque essa discussão ganhou força novamente no meio acadêmico, diversos teóricos estão em busca da hipótese que melhor se aproxima da realidade. Cada vez mais o número de estudos sobre a importância da cultura no aprendizado de línguas estrangeiras cresce, afinal é necessário vincular a cultura à língua para que ela possa ser compreendida e absorvida (SAMPAIO, 2018). Um enunciado muito interessante é realizado por Tilio (2007), o autor afirma que a “Relatividade Linguística pode ser entendida como a relação entre linguagem e pensamento, mediada pela cultura” (ibid, p. 108).

Na década de 70, o linguista alemão Helmut Gipper trouxe uma maior profundidade para os temas discutidos nessa área. Em seu estudo, ele utilizou a mesma tribo que Whorf analisou em seu trabalho, o povo Hopi. Gipper relata que os Hopi não apenas possuem expressões de tempo, e que dentre essas expressões existem algumas que possuem um cunho mais importante⁴ que outras. Isso se deve ao fato de que diversas cerimônias são realizadas nessa sociedade, ou seja, a relevância desses períodos possui uma motivação cultural, segundo o autor os intervalos de tempo com maior importância (para o povo Hopi) são quatro, seis e vinte dias (GIPPER, 1973).

Nesse exemplo se torna perceptível o impacto que a cultura pode exercer sobre a maneira como um povo utiliza sua língua, e apesar de Whorf ter exagerado quanto à relação do povo Hopi com o tempo, é notável que existam diferenças entre o modo como nossa sociedade enxerga o tempo quando comparado com a observação a partir da cultura Hopi. Com as

⁴ The most important interval in Hopi life are years, months and days. (I have not found expressions for minor intervals corresponding to English hour, minute, second). Time intervals, above all days are counted, especially in connection with the ceremonies. The most important intervals are four, six and twenty days [...]. (GIPPER, 1973 p. 6).

postulações da hipótese Sapir-Whorf, a língua começa a ser tratada como um caminho vital para a compreensão da cultura de um povo (SAMPAIO, 2018). É percebida uma interdependência entre as duas, já que a língua é concebida como uma estrutura que pavimenta diversos fatores como a própria cultura, visão de mundo, etc.

Segundo a hipótese Sapir-Whorf, a língua de uma determinada comunidade organiza sua cultura, sua visão de mundo, pois uma comunidade vê e compreende a realidade que a cerca através das categorias gramaticais e semânticas de sua língua. Há portanto uma interdependência entre linguagem e cultura. Um povo vê a realidade através das categorias de sua língua, mas sua língua se constitui com base em sua forma de vida. (MARCONDES Apud CUNHA, 2011, p. 4).

E como pontua Tilio (2007), “diferenças estruturais entre línguas são normalmente acompanhadas por diferenças cognitivas não-linguísticas” (ibid p.109), isso implica na influência da língua sobre a maneira de pensar (cognição), em outras palavras, em determinadas situações o modo de pensamento necessário para formular uma frase irá moldar a cognição do falante dessa língua. Essa definição trazida por Tilio nos remete ao quadro criado por Wolff & Holmes (2011) com as sete hipóteses da teoria da relatividade linguística, no qual os autores afirmam que embora não seja possível encontrar suporte para a ideia de que a língua é capaz de determinar as unidades básicas de pensamento ou apagar conceitos preexistentes, é possível afirmar que a língua cria caminhos que são difíceis de se evitar e que ela pode suplementar determinados tipos de pensamento⁵ (WOLFF & HOLMES, 2011).

[...] Quando um processo mental se torna automático, ele se embute de modo profundo no sistema da língua na forma de reflexo cognitivo, e seu funcionamento interno deixa de ficar conscientemente disponível, assim como não temos acesso consciente ao movimento de dedos envolvido no ato de amarrar o sapato. (PINKER, 2008 p. 159)

Utilizando mais uma vez o exemplo do povo Hopi e a sua maneira de enxergar o tempo, percebemos que a forma que essa tribo observa a passagem do tempo ocorre de uma forma bipartida (presente + passado –

⁵ [...] While we do not find support for the idea that language determines the basic categories of thought or that it overwrites preexisting conceptual distinctions, we do find support for the proposal that language can make some distinctions difficult to avoid, as well as for the proposal that language can augment certain types of thinking [...]. (WOLFF & HOLMES, 2011 p. 253).

futuro). Ao invés da tripartição que estamos acostumados (passado – presente – futuro) (GIPPER, 1973), sendo assim, quando estão contando uma história que ocorreu no passado, uma determinada sílaba de tempo (yaw⁶) é utilizada. Um exemplo similar advindo do turco é que ao contar uma história do passado, deve se informar se você testemunhou ou não aquele acontecimento (PINKER, 2008; WOLFF & HOLMES, 2011), a partir desses exemplos se torna evidente que é impossível separar a cultura da língua, e vice-versa. A respeito disso, Tilio (2007) faz um importante adendo: “[...] é perigoso afirmar que a relação língua-cultura exista em apenas uma direção [...] trata-se de uma relação bidirecional, em que uma age permanente sobre a outra, as duas se influenciam mutuamente o tempo todo” (ibid, p. 119).

2.3.1 Bidirecionalidade da relação Língua, Cultura e Cognição

Tanto a cultura como a língua não são conceitos estáticos, estão em constante mudança e isso certamente é um fator fundamental para esse processo mútuo de influência que Tilio (2007) sugere. Essa propriedade faz com que ambos precisem estar em conformidade para expressar um ao outro com o máximo de precisão possível. A língua é a maneira como compreendemos a realidade, não há dúvidas de que ela é parte essencial da vida social, e que possui papel indispensável no entendimento que temos de nós mesmos e na maneira como observamos aquilo e aqueles que nos cercam (PINKER, 2008). E isso inclui a cultura, que por sua vez também performa esse mesmo papel, logo, a linguagem pode ser entendida como o próprio fundamento da cultura (JAKOBSON, 1989). Sem uma não há outra, e vice-versa. É uma relação simbiótica que sem dúvida nenhuma influencia na cognição do falante, afinal, a linguagem é a nossa principal maneira de conceber a realidade (PINKER, 2008).

Ainda assim para compreender a utilização de uma palavra é necessário um conhecimento não linguístico, por exemplo, a palavra “queijo”, só faz

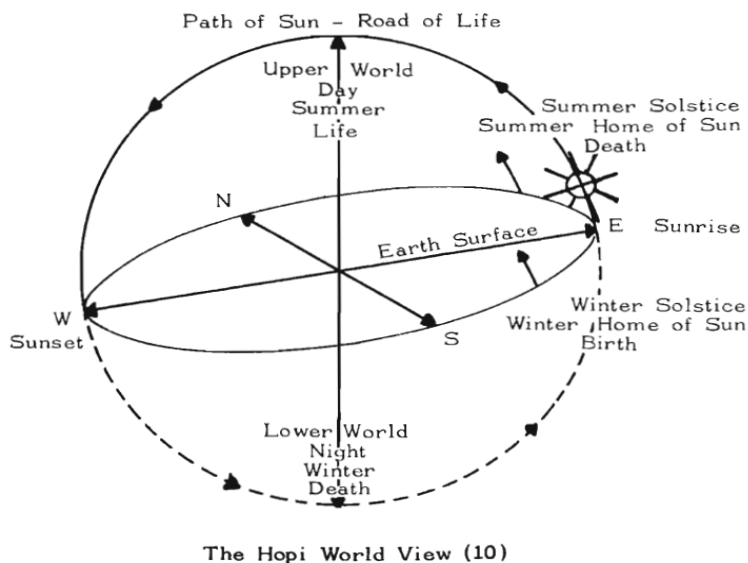
⁶ [...]Thus we often find in stories and tales the particle yaw (Whorf's 'quotative modality') which is generally translated by 'it is said'. This translation is completely misleading since yaw is not a form of a verb 'to say' but a particle having the approximate meaning of 'then', 'after that'. If this particle is used we know that the reported event is in the past. Even when direct speech is used in a story in which a person is speaking of something to happen in the future the particle yaw is used. It reminds the hearer or the reader that he is still listening to a story related in the past [...]. (GIPPER, 1973 p.7).

sentido se quem escuta tiver conhecimento que é um “alimento obtido pela coagulação do leite”⁷. Além de existir na mente de quem ouve, a palavra também existe no mundo real, algo como uma camada extra de realidade, além de habitar os pensamentos, deve estar também “entrelaçada no tecido causal do próprio mundo” (PINKER, 2008). Na aprendizagem de um novo idioma é necessário habituar-se ao modo de pensar dos falantes nativos (SAMPAIO, 2018), e aprender os aspectos culturais que circundam aquela língua e/ou aquele povo é a maneira prática de fazer isso. É a maneira de trazer essa “camada extra de realidade” ao seu mundo, uma materialização do que está sendo aprendido.

O debate é muito mais profundo que a “simples” afirmação de Whorf sobre a falta de expressões para tempo na tribo Hopi. O povo Hopi não vive alheio ao tempo mas sim imerso nele⁸. Conceitos essenciais da vida humana como tempo e espaço não dependem apenas da linguagem, assim como a própria linguagem, eles são dependentes do contexto cultural da sociedade referida. É preciso “considerar a vida dos Hopi como um todo, as crenças e a sua espetacular localização geográfica” (GIPPER, 1973). O termo fundamental para entender como o tempo funciona nessa sociedade é “cíclico”, o tempo é encarado como uma repetição dos mesmos eventos, estações, plantação e colheita, etc.

⁷ Segundo Bertrand Russel , “ninguém poderá compreender a palavra “queijo” se não tiver um conhecimento não linguístico do queijo.” [...] seremos então obrigados a dizer que ninguém poderá compreender a palavra queijo se não conhecer o significado atribuído a esta palavra no código lexical do português [...]. (JAKOBSON, 1989 p.63)

⁸ In Hopi thinking this cyclic principle is characteristic. We must compare the cycle of Hopi life to a wheel which turns eternally on one spot without progressing. As the Hopi have no calendar, years are not counted continuously. What people experience seems to be the steady repetition of the same sequence of events, of seasons, of seedtime, harvest, winter, spring, and so on. They live in time, but not apart from it, they are bound up in timebut are not neutral observers of objective physical time. They do not live by the clock as we do. (GIPPER, 1973 p. 11).



Fonte: Gipper (1973, p. 11)

O mesmo pode ocorrer com o conceito de espaço. O antropólogo Stephen Levinson em estudos sobre a língua tzeltal (um idioma falado na região da Chiapas no México, por povos nativos descendentes dos Maias), chegou à conclusão que esse povo não possui palavras comuns para “direita” ou “esquerda” (PINKER, 2008). O mais próximo que possuem são vocábulos para perna ou braço direitos ou esquerdos, e que dificilmente se aplicam a objetos. Ao invés disso a sua organização espacial ocorre baseando-se nas encostas de montanhas que cercam o povoado, os termos são “encosta-acima”, algo como o nosso “Sul”, e “encosta-abaixo”, que para nós seria o “Norte”.

Essa maneira de organização espacial não é utilizada apenas quando estão escalando a montanha ou descendo-a, mas também em superfícies planas e até em ambientes fechados, seja para descrever objetos do cotidiano ou a posição de pessoas (PINKER, 2008). Em um experimento realizado pelo próprio Levinson, uma mosca, um peixe e um sapo de brinquedo foram postos em cima de uma mesa – da esquerda para a direita, respectivamente. Em seguida vira-se a pessoa em 180 graus e ela deve organizar estes brinquedos do mesmo jeito que eles se encontravam na mesa inicial. O termo “do mesmo jeito” é capcioso pois pode variar entre o “mesmo arranjo em relação ao ambiente” (a); o que tornaria a mosca o primeiro objeto a direita pois em

comparação com a mesa inicial essa seria a sua disposição. Ou pode significar o “mesmo arranjo em relação à pessoa” (b); e que nesse caso colocaria a mosca a esquerda da pessoa, sua localização na primeira mesa.

Os falantes do tzeltal organizaram como em (b), mantendo a organização inicial, e conseqüentemente, o ambiente, como a base para sua escolha. Já os falantes de holandês – que possuem vocábulos comuns para direita e esquerda – optaram pela organização como em (a), apoiaram-se em seu próprio ponto de vista como parâmetro para a escolha (PINKER, 2008). É apenas natural que o experimento ocorra dessa forma, a frase “do mesmo jeito” vai gerar diferentes resultados em pessoas com diferentes visões de mundo. Para os falantes do tzeltal é lógico basear-se no ambiente para fazer suas escolhas, pois é algo fixado no cotidiano deles, é um povo que tem um estilo de vida agrícola, e que ademais disso, vive a explorar montanhas. Então utilizar-se dessas expressões possui fundamentação neste aspecto, é algo que está enraizado em sua cultura, e que conseqüentemente afeta a maneira como eles utilizam sua língua.

Da mesma forma, para um inglês ou holandês, será automático a escolha do ponto de vista egocêntrico, isto é, a utilização do próprio corpo para se localizar em relação ao ambiente. Será algo empregado dirigindo, andando ou guiando alguém durante o curso do seu dia a dia. Independente de qual seja a fundamentação para uma tomada de decisão, o que não se altera é o papel fundamental que a cultura possui no entendimento da língua (LEVINSON apud PINKER, 2008). A cognição do falante sempre será afetada pela maneira que ele compreende a sua própria cultura.

A relação entre língua, cultura e cognição é factual e é necessário que surjam cada vez mais estudos ao seu respeito. Nossa espécie alcançou as estrelas graças a sua capacidade cognitiva, logo ter estudos que ajudem a entender qualquer aspecto do cérebro humano sempre serão de vital importância para a melhor compreensão da nossa própria evolução. Tais estudos trazem a percepção do quão fundamental foi a linguagem em todo esse processo, diante disso, entender de que maneira a língua e cognição humana se relacionam é uma forma de mergulhar no cerne de nossa espécie e compreendê-la melhor como um todo.

3 TIPOS DE TRADUÇÃO, ASPECTOS DO PROCESSO TRADUTÓRIO E SISTEMAS SEMIÓTICOS

Como visto no capítulo anterior, a relação entre língua, cultura e cognição influencia diretamente na maneira como reagimos ao mundo, pois molda a forma com que o descrevemos, ou seja, quais palavras serão utilizadas, e dentro desses processos linguísticos, existe um que tem como propósito a translação de dadas informações de uma língua para outra, a tradução. A tradução tem como objetivo transmitir conceitos de uma língua fonte para uma língua meta (CATFORD, 1980), isto é, de uma língua inicial para uma final. Não existe um método de tradução universal ou uma teoria geral para a tradução que seja totalmente aceita (SOUZA, 1998). Um dos expoentes dessa área de estudo, o russo Roman Jakobson, em seu clássico livro *Linguística e Comunicação*, abordou os Aspectos Linguísticos da Tradução. Para Jakobson (1989) existem três tipos de tradução, que seriam as seguintes:

1) A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.

2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.

3) A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais. (JAKOBSON, 1989 p. 64-65).

Essa tripartição é o ponto de partida para os estudos em torno da tradução como uma ciência e ainda é plenamente utilizada até os dias atuais, no entanto, Gonçalves (2011) questiona dois pontos acerca dessa definição, o primeiro é a utilização de “tradução propriamente dita” para tradução interlingual, à época entende-se a sua colocação, já que é a tradução interlingual que “permite” o surgimento dessas outras formas, todavia hoje já é algo que não se encaixa mais. Assim como também a definição de tradução intersemiótica, que nos dias atuais pode ser entendida de outra forma, já que não obrigatoriamente se traduz de um sistema verbal para um sistema não-verbal, no presente momento é evidente que a tradução intersemiótica abarca algo muito maior do que essa definição inicial. Em seu texto de 2011, “A Tradução Intra-semiótica”, Gonçalves levantou a possibilidade de que

Jakobson já se referia a um conceito mais amplo do que o demonstrado na definição utilizada em seu livro, para um maior aprofundamento nessa questão, recomenda-se a leitura do texto supracitado, pois os temas abordados não podem ser inseridos aqui em sua completude.

Neste capítulo, são desenvolvidos brevemente os conceitos de Tradução Intralingual e Tradução Interlingual, buscando uma compreensão mais ampla acerca dos assuntos, os quais são melhores desenvolvidos nos tópicos seguintes, que tratam a respeito das ferramentas que envolvem o processo tradutório como um todo, e para fechar o capítulo, analisa-se o conceito de tradução intersemiótica e as dificuldades enfrentadas nesse processo.

3.1 TRADUÇÃO INTRALINGUAL

A tradução intralingual é a troca de um termo, vocábulo ou palavra de um idioma por outro(s) termo(s), vocábulo(s) ou palavra(s) desse mesmo idioma, algo comum em explicações de conceitos, substituição por sinônimos e outras questões similares (GONÇALVES, 2011). É uma ação que auxilia no melhor desenvolvimento de algum termo ou uma melhor transmissão do que se deseja falar. Essa é uma tradução que ocorre diariamente em nossas vidas, pois é um fruto direto da comunicação, o termo usado por Jakobson em seu livro é reformulação (“*rewording*”), tendo em vista que é exatamente isso que ocorre, emite-se algo novamente para alcançar uma maior precisão no que foi proferido. Muitas vezes nos deparamos com palavras, termos ou expressões que causam alguma confusão, um *ruído comunicativo* como afirma Jakobson (1989), e a única forma de superar essa dificuldade comunicacional é justamente utilizar um ou mais termos que desenvolvam plenamente aquele signo “estranho”.

3.2 TRADUÇÃO INTERLINGUAL

Qualquer termo existente em uma determinada língua, ou até mesmo apenas na cognição de um falante, pode ser representado em uma outra língua sem que nenhum prejuízo seja causado ao signo utilizado, caso se faça necessário neologismos, empréstimos ou transferências semânticas serão realizadas (JAKOBSON, 1989 p. 67). Por mais que todo idioma seja um sistema *sui generis*, isto é, funciona de maneira autônoma, possuindo seus

códigos e signos próprios, seu desenvolvimento sempre será voltado à comunicação, as línguas sempre findam por interagir com outros sistemas, o que acaba por possibilitar o fenômeno que chamamos de tradução (SOUZA, 1998). Tal fato se torna mais claro a partir do exemplo trazido por Jakobson (1989 p. 67), sobre o povo Chunkchees – uma tribo do nordeste da Sibéria, que à época possuía uma língua literária ainda recente e que graças à isso foram necessários diversos neologismos e circunlóquios, e até mesmo quando se depararam com signos presumivelmente opostos, não houve perda ou “ruído” semântico⁹, casos como o de “parafuso” que é enunciado como “prego giratório”, “giz” por “sabão de escrever”, dentre outros.

Essa falta de determinados procedimentos gramaticais no sistema para o qual se traduz jamais impede a transmissão total das informações compreendidas no original (JAKOBSON, 1989). Levando em consideração os exemplos citados acima, torna-se possível entender porque a tradução interlingual ganhou tanta importância, se a língua é um sistema vivo e em constante mutação, é natural que determinados idiomas possuam expressões únicas, e que ao entrar em contato com povos diferentes acabam tendo tais expressões transportadas para um novo idioma, justamente pela ausência que aquele sistema possui para expressar tal termo.

É a partir do século II que essa maior importância da tradução interlingual começa a surgir, especialmente na Europa Ocidental, impulsionado principalmente por três fatores: o gradual detrimento da língua grega, a queda do Império Romano e o avanço do Cristianismo, apoiando-se diretamente na disseminação da doutrina cristã que se multiplica cada vez mais a necessidade de tradução dos livros sagrados e das obras por ela utilizadas (FURLAN, 2005).

3.3 ASPECTOS DO PROCESSO TRADUTÓRIO

3.3.1 Equivalência de Tradução

⁹ [...] Mesmo circunlocuções aparentemente contraditórias, como *èlektriceskaja konka* (“veículo a cavalo elétrico”), o primeiro nome russo do bonde sem cavalos, ou *jenaparaqot* (“vapor voador”), o nome *koryak* do aeroplano, designam simplesmente o análogo voador do barco a vapor, e não estorvam a comunicação, do mesmo modo que não há perturbação ou “ruído” semântico no duplo oxímoro: *cold beef-and-pork hot dog* (“cachorro-quente frio de carne de vaca e de porco”) (JAKOBSON, 1989 p.67).

Assim como em qualquer processo tradutório, o que ocorre é a busca por equivalência entre os sistemas (DINIZ, 1995); por exemplo, no caso de uma tradução intralingual, usualmente espera-se que a palavra ou conjunto de palavras substituintes seja “superior” ao vocábulo inicial e por isso a troca ocorre, procura-se desenvolver plenamente o termo original. Contudo, se por um lado o signo desenvolve-se mais plenamente, por outro, é impossível existir equivalência plena, já que duas palavras integralmente similares só podem ser a mesma palavra, como destacado por Fujihara (2009), logo, o que é alcançado é uma representação muito próxima da original, que a simboliza com a maior precisão possível, e uma forma de se trabalhar essa questão é com os conjuntos-extensão.

[...]. Considerando o conjunto representando a extensão de um significado, nós poderíamos dizer que duas palavras seriam equivalentes se os conjuntos-extensão de ambas fossem idênticos [...]. Esse parece ser o caso de palavras como pássaro e bird: ambos os termos incluem animais como pinguins e avestruzes, mas não morcegos. Uma vez que ambas as palavras são baseadas em conceitos científicos, podemos dizer com bastante segurança que sempre que o termo pássaro é aplicável, o termo bird também é [...]. (FUJIHARA, 2009, p. 277).

O que existe é uma troca de palavras que culmina em uma explanação mais clara de algo, pois qualquer signo pode ser traduzido em outro que traga melhor desenvolvimento e mais exatidão (JAKOBSON, 1989). Ademais da palavra em si, o conceito de equivalência também provém do processo, já que toda língua se encontra em um fluxo constante de alterações e variações. Palavras e conceitos estão em contínuo desenvolvimento, no entanto essas mudanças não ocorrem de forma aleatória e incontrolada, existe dinamismo mas quase nenhuma instabilidade (FUJIHARA, 2009), pois toda língua possui um sistema que organiza todos os signos contidos nele. Desse modo, é impossível encontrar duas palavras iguais, mesmo em um idioma correspondente, o que se busca é a igualdade nesse processo, a elucidação do que é equivalência e a ordem desse processo torna-se a finalidade da tradução (DINIZ, 1995).

É natural que ocorram diferenças entre o texto inicial e o texto final, já que, como abordado anteriormente, é impossível traduzir algo de maneira total até mesmo dentro de um próprio idioma, o que existe é uma busca para

simbolizar o mais perto possível o que era retratado no texto inicial (GONÇALVES, 2011). Os textos serão singulares em seus próprios sistemas mas estarão conectados pelo que almejam simbolizar, e é a partir dessas semelhanças simbólicas é que a relação entre o texto inicial e a sua tradução será construída, a equivalência ocorre quando o texto base, numa parcela maior ou menor de seus componentes, é capaz de se relacionar com a sua tradução, se algo diferente disso ocorre é possível que aconteça na verdade uma transferência (CATFORD, 1980).

Não há transporte para a LM de valores estabelecidos por relações formais ou contextuais na LF. É possível, no entanto, efetuar uma operação em que o texto da LM – ou, melhor, partes do texto da LM – tenha(m) valore(s) estabelecido(s) na LF: em outras palavras, tenha(m) significados da LF. Chamamos a esse processo transferência (CATFORD, 1980 p. 47).

3.3.2 Tradução Literal x Tradução Livre

Desde o século II já existia um debate que ainda hoje continua em pauta, o grau de liberdade que uma tradução deve possuir, e até onde o tradutor tem o direito de adaptar a mensagem inicial para que ela se encaixe no idioma em que está sendo transposto, em outras palavras, uma disputa entre tradução literal e tradução livre. Tradução literal pode ser entendida como uma tradução fiel, sem interjeições por parte de quem traduz, uma tradução que busca neutralidade. Já por tradução livre subentende-se que seja realizada com maior parcialidade, isto é, o tradutor possui maior autonomia no processo, caracterizando-se até como mais subjetiva (SOUZA, 1998).

Cada processo tem seu valor e tem maior conformidade com determinado tipo de texto, por exemplo, nos séculos iniciais da tradução da bíblia, era exigido uma tradução que fosse uma “reprodução fiel” dos escritos originais, enquanto que outros documentos, com características laicas, por assim dizer, poderiam possuir uma tradução mais “livre” (FURLAN, 2005). Desrespeitar esse preceito não era algo muito bem visto, já que a tradução livre dos escritos era considerada uma cópia “infel e herética”, e poderia causar até mesmo a condenação de seu tradutor pela Inquisição (SOUZA, 1998), o que leva a crer que não havia muito espaço para o tradutor criar algo que aproximasse o texto original de sua tradução. No entanto, é curioso observar

que com o passar do tempo essa situação foi se alterando, o que levou ao surgimento da tradução comentada dos escritos, onde esses comentários basicamente substituíam o texto original. Nesse tipo de tradução o texto passa a ser compreendido como algo sujeito a interpretações diferentes e mutações que irão variar de tempos em tempos e de pessoa para pessoa (FURLAN, 2005), esse fenômeno se caracteriza como uma maior influência da cultura no processo tradutório.

3.3.3 *O aspecto cultural na tradução*

Na tradução interlingual está se transmitindo muito mais do que apenas um texto para um outro idioma, o que ocorre nesse processo tradutório é um choque entre culturas, e o que vai determinar a intensidade desse choque é a distância entre elas, quanto mais distante elas forem, mais impetuoso será o confronto (MURATA, 1996). Considerando-se o que Jakobson (1989) mencionou sobre a possibilidade de expressar qualquer termo ou pensamento do falante, independente da língua, acrescenta-se uma outra idéia do próprio autor: “as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar” (ibid, p. 69). Ou seja, a distinção entre uma língua e outra acaba por ser aquilo que é evidente, o que se altera no processo de formulação de uma frase de um idioma para outro é aquilo que é oculto ou explicitamente expresso.

Em inglês, por exemplo, é muito comum o uso de substantivos neutros, a comunicação flui sem problemas, porém determinadas informações permanecerão ocultas, e numa eventual tradução para uma língua que possui gêneros bem distintos para os seus substantivos, essa mesma conversa iria possuir menos informações ocultas. Em francês, a título de exemplo, ficaria bem claro se estaria se tratando de um homem ou uma mulher, pois além dos substantivos comumente possuírem um gênero bem definido, alguns verbos também variam de acordo com o gênero observado na frase. Utilizando o substantivo em inglês “lawyer” (advogado), como exemplo, na língua inglesa o substantivo é neutro e pode se referir tanto a um homem como à uma mulher, sendo assim, em uma suposta manchete de um jornal em inglês sobre a prisão de um advogado não seria possível identificar se trata-se de um homem ou de

uma mulher sem a leitura completa da matéria. Enquanto que na língua francesa isso seria claro desde o título, já que os termos para advogado (“avocat”) e advogada (“avocate”) existem no idioma.

Apesar de ser um exemplo simples, o ponto a se observar é a questão gramatical, e por consequência cultural, que acompanha uma tradução, Murata (1996), diz que “no real processo de tradução, se é frequentemente forçado a tomar decisões”, e numa situação similar ao exemplo, essa escolha se torna algo bem simples, afinal o gênero do objeto ou do ser que estiver sendo falado já estará definido pelo autor. Mas o tradutor certamente irá se deparar com termos mais complexos ou subjetivos e que necessitarão de uma maior reflexão, afinal sempre irão existir signos que possuem uma utilização conotativa e uma denotativa, como ocorre usualmente com as expressões idiomáticas e com os ditados populares.

Esses eventos linguísticos ocorrem durante o desenvolvimento de qualquer idioma, e dentro do processo tradutório a dificuldade se encontra justamente na transmissão do “peso cultural” existente na língua inicial para a língua final. Imagina-se que na língua para que a tradução está sendo realizada haverá um equivalente, encontrá-lo é o dever de quem executa o processo tradutório, e caso não o encontre deve então buscar um conjunto de palavras que simbolize plenamente o termo inicial, ou até mesmo se utilizar de circunlocuções ou adaptações, como já foi expresso por Jakobson (1989).

Uma situação como essa supostamente implica que a tradução não seja literal, mas como argumenta Souza (1998), tradução literal e livre “podem ser vistas como complementares”, tendo em vista que mesmo que adaptações sejam feitas, elas ocorrem para que o termo seja integralmente enunciado, ou seja, tenha uma tradução literal, então, o que existe é uma liberdade no processo e uma literalidade no resultado final. É a tentativa de conservar o valor original sem descaracterizar a singularidade do texto traduzido, já que, mesmo que se busque o maior grau de equivalência possível, o texto final existe “à parte” do texto inicial, não em sua capacidade de expressão mas em

seu sistema de expressão¹⁰ (CATFORD, 1980). Essa autonomia entre os textos permite que o tradutor transmita a ideia sem que ele se encontre engessado pelo processo em si, considerando que mesmo com essa liberdade, as singularidades culturais sempre estarão no caminho do processo.

Um exemplo trazido por Murata (1996) ilustra bem essa situação, no cenário descrito por ele, o novelista israelense Amos Oz certa vez exigiu que a frase em hebreu ‘kos te’ fosse traduzida para o inglês como ‘a glass of tea’ (“um copo de chá”) ao invés da expressão mais idiomática ‘a cup of tea’ (“uma xícara de chá”). O autor argumentou que ao utilizar a segunda expressão, os leitores imaginariam “senhoras inglesas tomando o seu chá da tarde”, Oz temia que a associação do termo a uma situação já estabelecida poderia arruinar “toda a atmosfera e alma do trabalho original”, então ao trabalhar com um termo mais literal do que idiomático, a ideia inicial é transmitida de uma forma mais plena¹¹.

Um bom exemplo dessa ideia de literalidade ao invés de uma escolha mais idiomática pode ser retirada do filme *A Chegada*. Ainda no início do longa, o Coronel Weber – interpretado por Forest Whitaker – antes de escolher Louise para a missão, a questiona sobre a tradução do sânscrito – um grupo de línguas ou dialetos com origem no Norte da Índia – para guerra (“Gavisti”), anteriormente a protagonista o havia indicado que fizesse essa mesma pergunta para um outro linguista que ele desejava recrutar para a missão. A resposta desse linguista foi “an argument” (“uma discussão”), enquanto que Louise responde “a desire for more cows” (“um desejo por mais vacas”), pode-se afirmar que ambos estão corretos, porém é mais provável que Louise carregue melhor a singularidade cultural da palavra inicial para a língua final.

¹⁰ O significado, a nosso ver, é uma propriedade da língua. Um texto da LF tem um significado que é da LF, e um texto da LM tem um significado que é da LM: um texto russo, por exemplo, tem um significado russo (assim como fonologia/grafologia, gramática e léxico russos), e um texto equivalente inglês tem um significado inglês (CATFORD, 1980 p. 38).

¹¹ [...] When you see a phrase ‘a cup of tea’, the first association in your mind is a scene in England [...] Such an established association, Oz is aware and trying to point out, is a danger – a danger that a translated text ruins the whole atmosphere and the soul of the original work [...] He insisted on keeping ‘a glass’ because a country where people drink tea out glasses, not cups, has its own culture nurtured in its his history, customs, geographical characteristics and climate (MURATA, 1996 p. 72).

Não há tradução impecável, assim como também não há uma comunicação impecável (SOUZA, 1998), logo busca-se o máximo de integração disponível, e se uma relação entre línguas habitualmente é bidirecional mesmo que não seja simétrica (CATFORD, 1980), então uma tradução deve seguir esse mesmo caminho. Traduzir é comunicar-se, pois tudo que falamos resulta de algo que já foi dito (Murata, 1996), e mesmo que o processo ocorra sempre na mesma direção, “de” uma língua fonte “para” uma língua meta (CATFORD, 1980), sempre haverá possibilidade de aperfeiçoamento.

O processo tradutório já possui dificuldades inatas resultantes da relação direta que possui com a cultura e com a comunicação, ademais disso ainda existem outras nuances que o dificultam ainda mais, dentre essas dificuldades destacou-se a tradução literal versus tradução livre, equivalência de tradução, barreiras culturais, dentre outras questões, o grau dessas dificuldades se tornam ainda mais complexos quando refere-se à tradução intersemiótica.

3.5 TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA

A tradução intersemiótica é a tradução de signos presentes em um certo sistema para um outro sistema semiótico (DINIZ, 1999), é a variante da tradução que abarca a adaptação de um livro em um filme, como é o caso de *A Chegada*, por exemplo, e assim como em qualquer processo tradutório, a comparação entre os materiais é inevitável, mesmo que um seja apenas o que o outro se tornou (JEHA, 2004). Essa transição ocorre porque a tradução intersemiótica é muito mais do que “apenas” a transformação de obras literárias em filmes, pois existem diversas maneiras de produzir sentido, ademais da própria linguagem, como a pintura, dança, esculturas, etc, o que não se altera é que a comunicação sempre estará no foco desses sistemas e, por consequência, da nossa espécie, e essa emissão sempre pode sofrer alterações, que podem tanto interrompê-la ou ajudá-la a se sentir completa.

É o que ocorre, por exemplo, quando durante uma conversa sinalizamos não verbalmente, seja com os dedos ou até mesmo com o olhar, para alguém e a pessoa nos confirma verbalmente se o que ela entendeu está correto, é a conversão de um signo em determinado sistema semiótico em outro que ele se

sinta melhor desenvolvido. Assim como nas formas mais comuns de tradução, o que se busca é o pleno desenvolvimento do signo em outro sistema, e do mesmo modo que nos outros tipos, o problema da equivalência também se mostra presente, então busca-se componentes que exerçam o mesmo papel em seus determinados sistemas semióticos. Afinal todo sistema semiótico possui suas ferramentas e tais ferramentas têm um objetivo em comum, contar uma história.

Então, busca-se transmitir plenamente o que estiver proposto, mas como ressalta Diniz (1999), toda história possui um nível mais claro e direto, são eles a caracterização dos personagens, a ambientação e etc, é o que a autora trata como denotativo. Tendo em vista que toda história também possui uma moral, uma lição, um sentimento ou algo semelhante que o autor pretende difundir a quem acompanha, esse nível mais subjetivo e interpretativo seria o conotativo. Deste modo, a avaliação sobre a precisão e correspondência do processo de tradução intersemiótica se torna altamente complexo, pois a identificação das ferramentas equivalentes em cada sistema é muito intrincado, especialmente em sistemas semióticos com grandes disparidades, por isso outras formas de avaliar esse processo surgem devido a essa dificuldade e necessidade, o foco para atribuir valor ou equivalência se torna outro. Jeha (2004) propõe uma análise do interpretante dos signos para determinar essa equivalência, já que se busca transmitir o mesmo valor cultural do original, e é pela utilização simbólica dos signos que o interpretante dita a relação desse símbolo¹².

Em um sistema semiótico escrito, é necessário se fazer valer de descrições do que está ocorrendo sejam com os personagens, com os objetos envolvidos ou com os próprios cenários. É a forma que esses sistemas possuem de alcançar completude na transmissão de sua história, isto é, para se comunicar plenamente. Enquanto que nos sistemas semióticos imagéticos, as palavras terão sim um peso mas que é complementar ao que se está sendo observado. Seja uma pintura, escultura ou um filme, há a possibilidade de totalidade sem o acréscimo de palavras, para esses meios de produção de

¹² Os signos podem se dividir de acordo com sua relação com o próprio signo, com o seu objeto e com seu interpretante [...] Se ele possui algum caráter em si mesmo, ele é um signo icônico; se entre ele e seu objeto há uma relação existencial, ele é indiciativo; se ele é considerado em relação ao seu interpretante, ele é simbólico [...] (JEHA, 2004, p. 124).

sentido, as palavras são um complemento a sua integralidade, é possível se expressar plenamente sem a utilização delas.

Um sistema não é melhor que o outro, o que ocorre é que certos signos estarão melhores desenvolvidos em alguns sistemas. No conto *A História da Sua Vida*, que foi utilizado de base para o filme *A Chegada*, por exemplo, as naves se mantêm na órbita e o que chega até a Terra são aparelhos de comunicação, chamados de “espelho”. No livro, conta-se muito com a imaginação de quem está lendo para que o cenário seja composto então possivelmente seja melhor fazer o leitor suscitar pensamentos sobre esse exótico meio de comunicação extraterrestre do que sobre a nave, algo que já é comum em histórias sobre vida alienígena. Já no filme, usualmente a imaginação do espectador se dá por meio de outras questões, muito mais subjetivas, então para transmitir toda a comoção em torno dessa situação de primeiro contato, mais vale utilizar uma nave que transmita toda a grandeza de um momento como esse, em outras palavras, uma nave que não pode ser facilmente ignorada, e no filme ela possui aproximadamente 460 metros de altura, supõe-se que para emitir toda essa grandeza.

Essa transmissão de significado, recai sobre a proposta trazida por Jaha (2004), sobre buscar o sentido ou a equivalência no interpretante, sabendo que ele será diferente em diferentes sistemas semióticos, o sentido buscado pelo interpretante se fará de forma distinta em cada sistema, e por isso é fundamental adaptar a mensagem ao meio de transmissão que ela será emitida. Dessa forma, a tradução cria algo conectado mas independente do original, algo que a torna muito mais do que apenas uma cópia sem alma, esse sempre será o papel principal da tradução, transportar uma realidade para outra, criar uma conexão entre culturas, entre povos, integrá-los em múltiplas esferas diferentes. A preservação da “história original” em sua totalidade é o mais importante, e isso não necessariamente significa uma tradução literal de palavra por palavra, nem mesmo uma tradução totalmente livre mas sim uma tradução onde se mantenha a mensagem inicial, perdendo o mínimo possível durante essa transmissão.

4 AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DO FILME “A CHEGADA”

“*A Chegada*” é um filme americano de 2016, dirigido pelo franco-canadense Denis Villeneuve, o longa-metragem se baseia num conto de Ted Chiang, intitulado “*História da sua vida*”, e que foi lançado em novembro de 1998. Na obra cinematográfica, acompanhamos a doutora em linguística Louise Banks ser recrutada pelo Governo Americano para investigar o misterioso pouso de doze naves alienígenas em diferentes localidades do planeta Terra. Em busca da resolução desta incógnita, Louise introduz a língua inglesa aos extraterrestres, enquanto procura decodificar a linguagem dos “heptapódes” (nome atribuído aos extra-terrestres).

É a partir do ponto de vista de Louise que acompanhamos todo o desenrolar da história, sejam os encontros dela e de seu colega de trabalho e futuro marido, o matemático Ian Donnelly, com os aliens, ou os flashbacks – uma interrupção da trama principal por outros eventos, relacionados diretamente ou não com o que está ocorrendo. Tais *flashbacks* são uma clara possibilidade proporcionada pelas ferramentas narrativas cinematográficas, e da maneira como são dispostos na película também possuem um vínculo metafórico com o próprio enredo do filme.

No decorrer do filme a montagem das cenas é feita de forma que os *flashbacks* aparentem ser sobre o passado de Louise, desde a abertura do filme o espectador é conduzido a esse pensamento, diversos momentos de sua filha são exibidos na abertura do filme, até o momento final em que ela falece em decorrência de alguma doença. O semblante da protagonista nas cenas seguintes, e que são equivalentes ao tempo presente do filme, suas ligações com sua mãe e até mesmo a sua reação apática a um evento tão grandioso quanto a chegada de naves extraterrestres levam a essa conclusão óbvia.

Ocasionalmente, essa realmente seria a sucessão lógica dos fatos, porém na obra essa idéia é subvertida, pois quanto maior for o domínio da “língua heptapóde” que Louise possuir, mais afetada será a sua percepção de tempo. Isso ocorre porque para a raça alienígena o tempo é compreendido de uma forma não-linear, isto é, o começo e o fim estão entrelaçados em uma

linha causal que não pode ser separada. É como se eles soubessem do futuro não para evitá-lo ou modificá-lo, mas sim porque ele irá acontecer e os eventos presentes são a ação necessária para construir esse futuro, seria basicamente uma impossibilidade, algo como um “livre-arbítrio determinístico” se tal coisa fosse possível.

4.1 O DETERMINISMO LINGUÍSTICO COMO FERRAMENTA DO ENREDO

Essa capacidade que o indivíduo adquire ao se tornar falante da língua é baseado na Hipótese Sapir-Whorf, ao conceber o mundo utilizando essa linguagem a sua cognição se altera e a maneira como reage-se ao tempo também é modificada, a ideia do determinismo linguístico é levada ao ápice. No conto que serve de base para o filme, em certo momento, Louise traz um exemplo de um amigo seu que cresceu com pais surdos comunicando-se com eles em Língua de Sinais Americana (ASL), e que isso moldou seu pensamento, nesse caso de seu amigo, o “narrador interno” não se comunicava fonologicamente mas sim por sinais.

Como já dito anteriormente, o que está indubitavelmente provado é a conexão entre a cultura, a cognição e a linguagem, mas para os objetivos fílmicos a tese “forte” adequa-se muito bem, já que há de se imaginar que um encontro com uma raça alienígena por si só já é uma experiência extraordinária. Ir além disso e ainda aprender uma língua extraterrestre que é tão antagônica a tudo que temos contato, certamente alterará a visão de mundo da pessoa envolvida nessa experiência, pode-se dizer que a obra traz o casamento ideal entre a ficção e a ciência.

Nessa tripartição (Língua-Cultura-Cognição), a relação entre os elementos é bidirecional, e da mesma forma que aprender a língua afeta a cognição do falante, a própria língua também é afetada por essa questão cultural, e vice-versa. A língua heptapóde quando escrita se assemelha a um círculo com diversos “caminhos” que se juntam a ele e formam as palavras, e o interessante é que a frase não necessariamente possui uma ordem para ser lida, assim como a sua relação com o tempo, termos como começo, meio e fim não afetam a completude ou o sentido da frase.

HEPTAPOD LOGOGRAMS WITH TRANSLATION

(source : <http://bit.ly/2l14vJ0>)



COMPILED BY EMMA HOLLEN (@EMMADEGEEKME)
I DO NOT OWN THE COPYRIGHT TO THIS MATERIAL

Fonte: Wolfram Alpha, 2016.

O que existe é apenas o “todo” e esse todo pode ser compreendido observando-o de onde se desejar, além dessa conexão que agrega uma camada extra de simbolismo, é importante destacar a amplitude que o sistema de signos cinematográfico é capaz de permitir. Já que no livro a língua possui uma descrição de como ela supostamente seria, mas é no filme aonde ela se

desenvolve de forma mais plena, onde é possível expressar com maior completude o que se deseja.

4.2 DO CONTO PARA O FILME: TRANSMISSÃO DE SENTIDO ENTRE SISTEMAS SEMIÓTICOS

Cada sistema semiótico possui seus próprios instrumentos para produzir sentido, sendo alguns exclusivos apenas a certos sistemas. Afinal, cada sistema possui seus próprios canais de transmissão que certamente possuirão alguma limitação, além de que nenhuma comunicação é perfeita (SOUZA, 1998). O que não se altera é o objetivo desempenhado por essas ferramentas, que é propagar uma mensagem com a maior integralidade possível, e muitas vezes ajustes são necessários para que se expresse plenamente o que se deseja.

Há mais de um século que as adaptações de obras literárias para o cinema ocorrem, possivelmente tendo início quando Georges Méliès em 1902 transformou em longa-metragem o romance *Viagem à Lua*, de Julio Verne (MOREIRA, 2017). Porém até hoje não existe uma fórmula para o seu êxito. Basicamente existem duas formas de conceber uma adaptação literária para o cinema, pode-se ser mais fiel ao material original, o que normalmente é esperado pelos fãs da obra inicial, ou pode-se transpor a história original de uma forma mais livre, fazendo alterações que teoricamente engrandeciam e complementariam a obra.

Ocorre aí a mesma discussão que existe na tradução interlingual quando estamos tratando de tradução literal x tradução livre, e que assim como nesse caso talvez nunca se encontre um ponto definitivo a respeito desse assunto, sendo assim, acredito que a fala de Jeha (2004) traz uma importante reflexão sobre o assunto:

[...] Dizer que gostamos do filme, mas que o livro é melhor (ou pelo menos é o que achamos) pouco difere de afirmar que preferimos maçã a torta de maçã. Eles não devem ser comparados, pois um é o que o outro se tornou. [...] A maneira lógica de se fazer isso, proponho, é examinar o interpretante dos diferentes signos. (JEHA, 2004 p. 123).

Apesar da metáfora cômica trazida pelo autor, o seu ponto é válido, pois analisar as virtudes da obra transposta se encontra em muito mais do que a

semelhança do roteiro com a fonte original de inspiração. Todo sistema semiótico objetiva transmitir uma mensagem, ou seja, comunicar-se, implica que refletir a respeito de como essa mensagem interagiu com seu interpretante não é apenas lógico mas também natural. Então, considerando que os interpretantes de uma obra literária e de um longa-metragem serão diferentes, é de se esperar que alterações sejam necessárias para que a mensagem possa ser transmitida de forma completa.

Por vezes, essas alterações surgem a partir da interpretação que o diretor ou roteirista tiveram da obra original e pretendem transmitir ao espectador, Diniz (1999) traz o exemplo do diretor soviético Grigori Kozintsev em sua adaptação da obra Shakesperiana *Rei Lear*. Kozintsev interpreta que no texto de Shakespeare a imagem de “pedra” é algo recorrente, mesmo que o termo não seja frequente nos textos, e o autor se utiliza desse símbolo para caracterizar o seu filme. Fazendo-o por meio da presença física de rochas, cascalhos e pedras na construção da cidade, trazendo um aspecto de dureza física e emocional, além de emudecer os camponeses que só são ouvidos quando caminham sobre tais pedras.

Além de transmitir a mensagem integralmente, em determinados casos são feitas alterações com o objetivo de modernizar ou tornar os acontecimentos mais tangíveis para o interpretante. Assim como em qualquer processo de tradução, o que difere não é a possibilidade da comunicação, mas sim a forma que isto será comunicado (JAKOBSON, 1989). Nesse caso, não se trata apenas do que se transmitirá, mas sim do que estará evidenciado para o espectador. Afinal, além das próprias imagens o sistema cinematográfico também se constitui de palavras, signos impressos, músicas e ruídos (DINIZ, 1999), e se utilizando de todos os elementos desse conjunto que o cineasta decide como, por que e o quê será transportado ao espectador.

4.2.1 A transposição de sentidos em A Chegada

Na passagem entre *A História da Sua Vida* (conto) e *A Chegada* (filme), certas alterações são realizadas a partir da história original, isso ocorre para que uma mensagem adjacente seja transmitida em conjunto com a ideia original do autor Ted Chiang. *A História da Sua Vida* é um conto que ganhou

bastante notoriedade no início deste século, sendo até indicado à prêmios literários, e vencendo alguns deles. O conto foi inicialmente publicado numa série de antologias intitulado *Starlight*, na segunda versão desses contos antológicos, que foi publicado em novembro de 1998, e com o sucesso da obra ele acabou sendo republicado em 2002, dessa vez em um livro do próprio Ted Chiang, juntamente com outras histórias famosas do autor. No livro, por mais que a história possua diversas semelhanças, alguns elementos filosóficos e sociais são de exclusividade do filme. Ted Chiang se formou em ciência da computação e tinha como hobby escrever contos de ficção científica e enviá-los para revistas do ramo, então analisando seus potenciais interpretantes, é razoável que suas histórias tenham um foco maior na ciência ou matemática do que na filosofia ou na linguística, por exemplo.

No final de “*História da Sua Vida e outros contos*” (2002), livro onde estão reunidas as histórias mais famosas do autor, em uma seção intitulada “Notas sobre os contos”, Chiang diz que sempre quis incluir os princípios variacionais da física em algum de seus contos mas que não sabia como. Isso mudou ao ver o monólogo de um ator americano chamado Paul Linke sobre a luta de sua esposa contra o câncer, o autor começou a ponderar que talvez fosse possível utilizá-los em uma história que uma pessoa lida com o inevitável. Somado a isso adicionam-se comentários que sua amiga lhe faz sobre seu bebê recém-nascido, formava-se aí *A história da sua vida*, indubitavelmente seu conto de maior sucesso e a origem para *A Chegada*. E por mais que o roteiro do filme sofra alterações em comparação ao conto, creio que essas mudanças potencializam o objetivo inicial do autor.

No conto, a morte da filha ocorre em um acidente de escalada, e que apesar de ser um acontecimento trágico, pode ser considerada uma situação circunstancial. Já no filme, o óbito é representado de uma maneira mais simbólica e intensa, e ocorre por meio de uma doença rara sem cura que surge sem explicações e dizima milhares de pessoas, sem dúvida, uma circunstância bem mais determinista do que a sua precedente. O número de naves também é drasticamente diminuído, de cento e doze para apenas doze, creio que para trazer um peso maior a cada uma delas, o que adiciona uma camada de tensão à película. A partir dessa situação se percebe a dificuldade que os países

possuem em compartilhar informações e cooperar entre si. Se inicialmente Chiang escreve sobre um primeiro contato humano com extraterrestres e as consequências do aprendizado de sua língua, isso é elevado a uma outra potência ao envolver questões sociopolíticas.

Eric Heisserer, roteirista responsável pela adaptação do conto de Chiang, incorpora à essa primeira mensagem uma tensão com cunho social que evidencia o padrão das ações humanas frente ao desconhecido e à constante busca pela vantagem sobre o outro. Mesmo partindo de uma situação fantasiosa, o exemplo em *A Chegada* se assimila muito à situação atual da sociedade numa escala global, na qual cada vez menos o diálogo é utilizado nos conflitos que surgem, e se grande parte dos problemas hoje enfrentados possuem causa local, mas atingem a sociedade em escala global, o diálogo entre as nações é algo profundamente necessário. Um exemplo disso é o caso de refugiados de guerra, ao buscarem o acolhimento em outras nações a problemática enfrentada deixa de ser local e se torna global.

4.3 A COMUNICAÇÃO E A COOPERAÇÃO COMO O MEIO PARA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

O foco prioritário deste trabalho foi discorrer a respeito de temas relacionados à Relatividade Linguística e à Tradução, e em seguida relacioná-los a determinados aspectos do filme *A Chegada*. Demonstrou-se as nuances em torno da Hipótese Sapir-Whorf, e como os postulados que surgiram a partir dessa corrente de pensamento se encaixam no enredo da obra cinematográfica, além disso abordou-se também as dificuldades envolvidas no processo de tradução entre a obra original, inicialmente um conto, e a obra final, um filme. Todavia devido à multidisciplinaridade do curso de LEA-NI e as possibilidades proporcionadas pela própria obra, outras linhas de raciocínio em torno do longa-metragem também se tornam viáveis, dentre elas faço um breve destaque sobre a análise pelo viés da mediação.

Como já visto anteriormente, cultura e língua são interligados bidirecionalmente, logo, o significado de uma palavra em uma língua não necessariamente se aplica da mesma forma em outro idioma. Os Heptapódes vêm para a Terra com um objetivo muito claro, ajudar os humanos agora, pois

num futuro distante eles necessitarão de nossa ajuda, e essa ajuda deles vem por meio da “arma” que foi oferecida aos terráqueos. Esse termo “arma” surge a partir da tradução de Louise da resposta dada pelo heptapódes quando questionados sobre seu propósito no planeta, eles afirmam o seguinte:” *offer weapon*” (“oferecer arma”), a “arma” é na verdade a sua língua, o que ocorre aí é um ruído comunicacional e que a própria protagonista tenta explicar aos seus colegas.

Os vocábulos de uma língua são formados e se ramificam a partir dos usos e da forma como eles são percebidos pelos falantes, retornando ao exemplo da língua sânscrita sobre a palavra “Gavisti”, ao falar que significa “um desejo por mais vacas”, algo bem distante de seu sentido literal (“um conflito” ou “uma discussão”), Louise acrescenta camadas a um trabalho que pode ser inicialmente considerado simples. Traduzir é muito mais do que agir como uma máquina de literalidade, mas na verdade, interpretar o contexto daquela palavra no idioma original (JAKOBSON, 1989). A protagonista está tratando de um desejo que surge de forma belicosa, não é apenas um desejo por mais vacas, é um desejo por mais vacas dos outros, é o “entrelaçamento no tecido causal do mundo” que Pinker (2008) havia falado.

Os militares decidem levar essa tradução de forma literal, sem nenhum espaço para refletir a respeito dessas questões supracitadas, então o que se vê a seguir é um completo desligamento das comunicações entre os países, afinal não se sabe o que eles desejam que façamos com essa “arma”. Uma abordagem inversamente proporcional ao objetivo final dos aliens, cada nação recebe apenas uma parte da mensagem completa, algo que ocorre pois além de passar a língua, os heptapódes também pretendem fazer com que os povos colaborem entre si para a resolução dessa situação.

É interessante observar uma situação como essa pela visão de uma linguista, tendo em vista que a Linguística se desenvolveu como a ciência capaz de descrever ou explicar a linguagem verbal humana (ORLANDI, 1986), então sem diálogo, sem comunicação não há Linguística e não há resolução pois a mensagem nunca se completará sem a soma de todas as partes. Justamente para retomar o diálogo em situações assim em que uma divergência de ideias gera uma situação conflituosa entre partes que possuem

algum relacionamento passado ou contínuo a futuro, surgiu o método autocompositivo intitulado Mediação.

[...] a mediação é um método de resolução de conflitos em que um terceiro independente e imparcial coordena reuniões conjuntas ou separadas com as partes envolvidas em um conflito. E um de seus objetivos é estimular o diálogo cooperativo entre elas para que alcancem a solução das controvérsias em que estão envolvidas. (SAMPAIO E NETO, 2017 p.15)

Para a mediação o resultado é apenas uma consequência do processo geral, foca-se muito mais na reconstrução das relações do que no ganho final de cada parte, serão realizadas quantas reuniões forem necessárias para que se chegue a um contentamento das vontades e pleno provimento das necessidades dos implicados no processo. E por isso é fundamental que o mediador tenha um amplo conhecimento da relação dos envolvidos, para que sua assistência seja facilitada e para que se torne mais fácil entender os motivos e as exigências realizadas que levaram ao conflito.

E é por meio do diálogo que essas relações são reconstruídas, pois o foco principal da mediação, assim como na linguística, é a língua ou a comunicação gerada a partir dela, ou seja, sem comunicação não pode existir a linguística, e por consequência, também não pode existir mediação. E sabendo plenamente disso, Louise busca caminhos para reestabelecer o diálogo entre os países, sua idéia é de reconectar as comunicações entre os pesquisadores de cada país e oferecer as suas descobertas para que eles também compartilhem as deles e assim se possa chegar a um resultado final satisfatório para ambos.

Esse processo é conhecido como “jogo de soma não zero”, é uma variação cooperativa da teoria dos jogos de John Von Neumann (SOUZA et al, 2016), e apesar de ter seu pedido negado pelos militares, Louise propôs o melhor “movimento” disponível, retomar as comunicações tornaria possível a resolução do problema e impediria as nações de seguir um caminho militar que era desejado por algumas delas. Desobedecendo os militares, a personagem consegue ligar para o chefe militar da China e se utiliza da sua recente capacidade de ver o futuro para resolver a situação mas assim como na mediação o foco principal não deve ser no resultado e sim no processo como um todo.

Ao agirem motivados pelo medo ou egoísmo, “os superiores” de Louise acabam impedindo a evolução e a gradual melhora de toda essa situação. É evidente a similaridade entre esse comportamento e o que frequentemente ocorre em múltiplas esferas do poder e em diversos tópicos sociais. Foca-se puramente nos resultados, o processo até esse resultado é continuamente ignorado, ressalta-se mais uma vez que os acontecimentos ocorridos em *A Chegada* são puramente imaginários, todavia bastante metafóricos, e os conceitos utilizados são reais e cientificamente embasados, portanto, a sua aplicação não só é possível como também é totalmente cabível.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao início deste trabalho, falamos sobre as múltiplas possibilidades que o cinema apresenta graças à sua relação única com a sociedade e com os problemas presentes nela. A partir disso, objetivamos utilizar o longa-metragem *A Chegada* (2016) para discorrer sobre determinados temas como a Relatividade Linguística, a Hipótese Sapir-Whorf, a Tradução, Mediação de Conflitos, dentre outros assuntos abordados.

Empregamos esse filme pois além de possibilitar que vários campos teóricos fossem abordados, também permitia uma práxis dessas teorias, já que poderíamos exemplificar com situações da obra cinematográfica, aliando-a a tópicos fundamentais do cotidiano em sociedade.

Ao analisar o filme, pudemos constatar de modo muito evidente como uma obra cinematográfica pode capturar bem o espírito de seu tempo, permitindo que diversas teorias e temas sejam abordados a partir de sua análise.

Criar algo único e que sirva de inspiração para futuras pesquisas de temas similares era umas das metas ao iniciarmos. Pensamos que tenha havido êxito nesse objetivo, exploramos o potencial multidisciplinar presente no curso de LEA-NI a partir de um objeto de estudo igualmente multidisciplinar.

Demonstramos não apenas as duas vias de análise inicial, pela ótica da Relatividade Linguística e da Tradução. Além disso, em uma espécie de prólogo ao último capítulo, incluímos uma terceira opção de análise através do viés da Mediação. Neste tópico final, em uma versão mais simples e meramente provocativa, buscamos apenas apresentar outras possibilidades de pesquisa e incentivar uma melhor exploração e elucidação desse tema no futuro.

Tópicos como Língua, Cultura e Cognição sempre estarão no cerne de nosso desenvolvimento não apenas como indivíduos, mas especialmente em nossa evolução como sociedade.

A comunicação surge a partir do relacionamento entre tais áreas e tem seu maior marco na constante evolução que sofre com o passar do tempo. A partir dessa evolução novos desafios surgem, para superá-los é necessário que se mantenham os avanços acadêmicos em torno dessa área.

Realizamos apenas o primeiro passo em todos os temas trabalhados, mesmo os que aqui ganharam maior destaque ainda são alvos de uma busca que é contínua e que sem dúvida nenhuma não encontra aqui seu fim. Esperamos que o estudo realizado seja incentivo para mais pesquisas futuras nos diversos campos abordados.

Referências

CATFORD, John. **Uma Teoria Linguística da Tradução**. São Paulo: Editora Cultrix. 1980.

CHIANG, Ted. **História da sua vida e outros contos**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2016.

CUNHA, Adan. **Contrastando Sapir (d)e Whorf na 'Hipótese Sapir-Whorf'**. São Paulo: Publicações do IEL/Unicamp. 2011. Disponível em: <http://ocs.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1279>. Acesso em: 03 dez. 2019.

DERRY, Ken. **“Arrival”**. Journal of Religion & Film: Vol. 20: Iss. 3, Article 15, 2016. Disponível em: <https://digitalcommons.unomaha.edu/jrf/vol20/iss3/15/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

DINIZ, Thaís. **A Tradução Intersemiótica e o conceito de equivalência**. São Paulo: Bartira Editora Gráfica. 1994. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34338665/A_Traducao_Intersemiotica_e_o_Conceito_de_equivalencia.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_TRADUCAO_INTERSEMIOTICA_E_O_CONCEITO_D.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20200312%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20200312T212652Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=de3d60c9881068aea0aac3710a58b7129457f259b72947183419024bfba1193. Acesso em: 03 dez. 2019.

DINIZ, Thaís. **Tradução Intersemiótica: do texto para a tela**. Cadernos de Tradução (UFSC). Florianópolis. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5390>. Acesso em: 03 dez. 2019.

FUJIHARA, Álvaro. **Equivalência Tradutória e Significação**. Estudos Linguísticos. São Paulo. 2009. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33695885/Traducao_-_equivalencia.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DTraducao_-_equivalencia.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20200312%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-

[Amz-Date=20200312T213017Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=06881998f08e3a58736d1bc6970cb6762353f1a1ef21be3a9d28a6600c7c38db](https://www.scribd.com/document/411111111/Amz-Date=20200312T213017Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=06881998f08e3a58736d1bc6970cb6762353f1a1ef21be3a9d28a6600c7c38db).

Acesso em: 03 dez. 2019.

FURLAN, Mauri. **Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - II. A Idade Média**. CADERNOS DE TRADUÇÃO (UFSC). Florianópolis. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6195>. Acesso em: 05 jan. 2020.

GIPPER, Helmut. **Is There a Linguistic Relativity Principle?**. 1979. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/7acf/1afe9e1236b58675d716853171d8339d83df.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.

GONÇALVES, Paulo. **A Tradução Intra-semiótica**. Recife. 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0328-1.pdf>

GONÇALVES, Rodrigo. **Humboldt e o Relativismo Lingüístico. Estudos Linguísticos**. São Paulo. 2006. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/1038.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix. 1989. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=0VOzvhk-7tYC&oi=fnd&pg=PA7&dq=linguistica+e+comunica%C3%A7%C3%A3o&ots=6Kw0MzN2v1&sig=0EFIPubnPV_ggsPogbba1NwVDRk. Acesso em: 03 dez. 2019.

JEHA, Julio. **Veja o livro e leia o filme: A Tradução Intersemiótica**. São Paulo. 2004. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/download/989/717>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MARTINS, Dalila et al. **Como a filosofia pensa o cinema?**. Dossiê Revista Cult. Julho/2019.

MOREIRA, Carlos. **A Chegada, dirigido por Denis Villeneuve, e a ficção científica como espelho do imaginário social**. Pelotas. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/10635>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MURAD, Carla. **O Funcionalismo e o Gerativismo: principais características e expoentes**. Ituverava. 2011. Disponível em: <http://nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/597>. Acesso em: 03 dez. 2019.

MURATA, Yasuko. **Translation as spiritual community**. 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/download/49895/54003/0>. Acesso em: 05 jan. 2020.

ORLANDI, Eni. **O que é linguística**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1986. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/23176080/o-que-e-linguistica-eni-orlandi-pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial. 2003.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: FAETEC/IST, 2007. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/33851445/metodologia_cientifica.pdf?1401708468=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMetodologia_Cientifica_Conceitos_e_Defin.pdf&Expires=1596568647&Signature=blG2rkvhZX-iArI4-ioRCb3~k1Cg~GXrddVqmxGBcO0qsKQbNDJq5dK8kYzUrb5ykIxrzQaNtr3Zg3heJAKsAxR3P~cadCg~0CwexcBUvBLC~pD9C1ML43VDHBKOGX~-5O14WtWtANZH65nzcIP3~moqPqdAPiWQUz3iiqWny8hkEVgP49HWMw6bjjZ5G4fOG6E0MkmgkCGbwKwN9QOTnvzf0pVwGu-UVIBN7aZV8z4Os3Bm2AcXNLLR-EWqd4T2ugGqlyGFAd3DZNqzA9kbhsddLEnAnvU2dc4f9ZQhNJOrH1p0-8myO1nsT7F2HsTjoE65328pINFU3IpOPZtcQA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 10 ago. 2019.

RODRÍGUEZ, Alfredo. **Universalismo e relativismo lingüístico**. Revista Philologus. Rio de Janeiro. 1998. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/11/02.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.

SAMPAIO, Rebecca. **LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA: A HIPÓTESE SAPIR-WHORF**. Porto Alegre. 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/83356>. Acesso em: 03 dez. 2019.

SAMPAIO, Lia et al. **O que é mediação de conflitos**. São Paulo: Editora Brasiliense. 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=YGgvDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 05 jan. 2019.

SOUZA, Aiston Henrique de et al. **Manual de Mediação Judicial**. Brasília. 2016.

SOUZA, José. **Teorias da tradução: uma visão integrada**. Revista de Letras, Fortaleza. 1998. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16539>. Acesso em: 05 jan. 2020.

SZCZESNIAK, Konrad. **O Retorno da hipótese de Sapir-Whorf**. Ciência hoje, Revista Abril. São Paulo. 2005. Disponível em: <http://jhpr.webs.uvigo.es/teoria/sapir-ch.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.

TILIO, Rogério. **A evolução da teoria da relatividade lingüística e a interface língua-cultura no ensino de línguas estrangeiras**. Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/362>. Acesso em: 03 dez. 2019.

WOLFF, Philip et al. **Linguistic relativity**. 2011. Disponível em: <https://www.coloradocollege.edu/dotAsset/3bb4c139-8a46-4238-a5b9-67bca5209ae6.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.